



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

JULIANNY REBECA DOS SANTOS ARAÚJO

**Letramentos de reexistência em batalhas de Rimas (SLAM): uma análise da representação discursiva da luta da mulher negra brasileira contra o racismo genderizado.**

Recife  
2023

JULIANNY REBECA DOS SANTOS ARAÚJO

**Letramentos de reexistência em batalhas de Rimas (SLAM): uma análise da representação discursiva da luta da mulher negra brasileira contra o racismo genderizado.**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Graduação em Letras - Português como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras/Português.

Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio de Lima Bonfim

Recife  
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Santos Araújo, Julianny Rebeca dos.

Letramentos de reexistência em batalhas de Rimas (SLAM): uma análise da representação discursiva da luta da mulher negra brasileira contra o racismo genderizado. / Julianny Rebeca dos Santos Araújo. - Recife, 2023.

52 p., tab.

Orientador(a): Marco Antonio de Lima Bonfim

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Letras Português - Licenciatura, 2023.

Inclui referências, apêndices, anexos.

1. Racismo Genderizado. 2. Slam. 3. Letramentos de Reexistência. 4. Lei 10.639/2003. I. Lima Bonfim, Marco Antonio de. (Orientação). II. Título.

410 CDD (22.ed.)

JULIANNY REBECA DOS SANTOS ARAÚJO

**Letramentos de reexistência em batalhas de Rimas (SLAM): uma análise da representação discursiva da luta da mulher negra brasileira contra o racismo genderizado.**

Data: 02 de outubro de 2023

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Dr. Marco Antonio de Lima Bonfim

Universidade Federal de Pernambuco - Centro de Artes e Comunicação

**Orientador**

---

Prof. Dr. Antonio Oziêlton de Brito Sousa

Universidade Estadual do Ceará

**Examinador**

Deixando para trás noites de terror e atrocidade

Eu me levanto

Em direção a um novo dia de intensa claridade

Eu me levanto

Trazendo comigo o dom de meus antepassados,

Eu carrego o sonho e a esperança do homem  
escravizado.

E assim, eu me levanto

Eu me levanto

Eu me levanto.

— Maya Angelou, *“Still I Rise (Ainda assim eu me levanto)”* (1978)

## RESUMO

A presente monografia teve como objetivo principal analisar o uso da língua por mulheres negras no *poetry Slam* à problematização do racismo genderizado. Para tal proposta, buscamos reunir composições produzidas por *Slammers* negras que denunciam e enfrentam o racismo genderizado definido por Kilomba (2019). Buscamos entender como essas performances se materializam como práticas de Letramentos de Reexistência (Souza, 2006; 2011), conectando tais práticas à aplicação da Lei 10639/2003. Como fundamentação teórica nos baseamos em Souza (2009; 2011), Kilomba (2019) e Moita Lopes (2002;2006). Em termos metodológicos, adotamos uma pesquisa qualitativa e análise documental (vídeos disponíveis no *YouTube* e suas respectivas transcrições). Ademais, dialogamos com estudos da Linguística Aplicada INdisciplinar (Moita Lopes, 2006). Após uma leitura seletiva, foram selecionados quatro vídeos para serem transcritos e analisados. Por fim, a partir dos dados analisados, identificamos o uso criativo da linguagem por parte das *Slammers* por meio de poemas que, através de nomeações, figuras de linguagem e entre outros recursos linguísticos, convidam o público a refletir sobre as normas sociais profundamente enraizadas, as experiências e perspectivas dos sujeitos que sofrem pela intersecção entre racismo e sexismo. Esta pesquisa também destaca que estratégias educacionais são fundamentais para superar os desafios identificados.

**Palavras-chave:** Racismo Genderizado; Slam; Letramentos de Reexistência; Lei 10.639/2003.

## **ABSTRACT**

The present dissertation aimed to primarily analyze the language usage by Black women in Poetry Slam in addressing gendered racism. To achieve this objective, we sought to gather compositions produced by Black female Slammers who denounce and confront the gendered racism defined by Kilomba (2019). We aim to understand how these performances materialize as practices of Reexistence Literacy (Souza, 2006; 2011), connecting such practices to the implementation of Law 10639/2003. The theoretical foundation is based on Souza (2009; 2011), Kilomba (2019), and Moita Lopes (2002; 2006). Methodologically, we adopted a qualitative research approach and document analysis (videos available on YouTube and their respective transcriptions). Furthermore, we engaged with studies in Applied INdisciplinary Linguistics (Moita Lopes, 2006). Following selective reading, four videos were chosen for transcription and analysis. Finally, based on the analyzed data, we identified the creative use of language by Slammers through poems that, via naming, figures of speech, and other linguistic resources, invite the audience to reflect on deeply ingrained social norms, the experiences, and perspectives of individuals who suffer at the intersection of racism and sexism. This research also underscores the importance of educational strategies in overcoming the identified challenges.

**Keywords:** Gendered Racism; Slam; Reexistence Literacy; Law 10,639/2003.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>6</b>
<b>SUMÁRIO.....</b>	<b>8</b>
<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2. Educação para as relações étnico-raciais no Brasil.....</b>	<b>11</b>
2.1. Raça, racismo, discriminação racial e o conceito de racismo genderizado.....	11
2.1.1 Raça.....	11
2.1.2. Racismo e Discriminação Racial.....	12
2.1.3. Racismo Genderizado.....	15
2.1.4. A lei 10. 639/2003 sua contribuição no cenário da educação para as relações étnico-raciais no Brasil.....	17
<b>3. SLAM como Letramentos de Reexistência da população negra brasileira....</b>	<b>21</b>
3.1 O Slam como gênero textual oral.....	22
3.2 O Slam: a voz das mulheres negras nas/das periferias.....	24
3.3 Linguística Aplicada e o conceito de Letramentos de Reexistência.....	27
<b>4 METODOLOGIA.....</b>	<b>31</b>
<b>5 Letramentos de Reexistência da mulher negra Slammer.....</b>	<b>35</b>
5.1 Alguns apontamentos pedagógicos.....	44
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>47</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>49</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Durante uma de suas visitas à Bahia, em 25 de julho de 2017, Angela Davis proferiu uma conferência que ressoou profundamente ao declarar que "quando a vida das mulheres negras importar, teremos a certeza de que todas as vidas importam". Esta citação lança luz sobre a maneira como as mulheres negras, frequentemente encontrando-se na base da estrutura social racista, experimentam a negligência sistemática por parte das autoridades públicas em relação às comunidades negras e economicamente desfavorecidas. Isso engloba desde questões básicas como o acesso à água, saúde, moradia, educação e trabalho, até a persistência de um sistema fundamentado em normas patriarcais arraigadas, onde a socialização de gênero ainda impõe às mulheres a responsabilidade primária pela sustentação da família e pelo cuidado com os filhos.

A sobrecarga de responsabilidades que recai sobre as mulheres negras, exacerbada pelo racismo sistêmico e pelos estereótipos prejudiciais que circundam seus corpos, têm infligido uma miríade de danos. Para enfrentar essas desigualdades avassaladoras, as mulheres negras têm se unido em busca de estratégias coletivas de resistência.

Nos últimos anos, temos observado um aumento significativo no interesse pelas pesquisas acadêmicas voltadas para o movimento das mulheres. Isso se reflete na crescente produção de teses, dissertações e artigos, como evidenciado por Bispo (2011) e Cardoso (2012). Além disso, há também uma notável proliferação de textos disseminados pela internet por meio de sites, blogs e outras plataformas, conforme ressaltado por Lopes (2017). Estes textos, embora nem sempre possuam um caráter estritamente acadêmico, desempenham um papel fundamental na disseminação de ideias, reflexões e experiências relacionadas ao movimento de mulheres.

Esse aumento substancial no interesse pela pesquisa no campo do movimento das mulheres está diretamente ligado ao crescente protagonismo das mulheres negras em diversos aspectos da vida social. O engajamento político das mulheres, seja por meio de organizações políticas estabelecidas ou de maneira independente, tem ganhado destaque notável

É nesse contexto que emerge o tema desta monografia: "Letramentos de reexistência: uma análise da representação discursiva da luta da mulher negra contra o racismo genderizado nas batalhas de Rimas (SLAM) no Brasil".

A escolha desta temática é motivada por uma série de fatores que convergem para uma relevância inegável. Primeiramente, é fundamental reconhecer que a mulher negra no Brasil enfrenta uma intersecção única de discriminação, na qual o racismo e o sexismo se entrelaçam, gerando desafios específicos e experiências singulares. Essas mulheres têm historicamente sido silenciadas, marginalizadas e retextualizadas, o que faz com que sua voz, quando se manifesta, seja um ato de resistência em si.

As batalhas de Rimas (*SLAM*) têm se tornado espaços emblemáticos dessa resistência. Nestes eventos, as mulheres negras têm encontrado uma plataforma para expressar suas experiências, suas frustrações, suas lutas e suas aspirações. O ato de rimar, de usar as palavras como arma e de se posicionar contra as estruturas de opressão tem se mostrado poderoso e transformador.

Esta pesquisa tem como objetivo responder duas perguntas-chave: Como a análise do uso da língua nas batalhas de SLAM, enquanto gênero textual oral, representa discursivamente a luta da mulher negra contra o racismo de gênero? E de que maneira esse uso linguístico pode ser interpretado como práticas de letramentos de reexistência da população negra?

Assim, a realização desta pesquisa se justifica não apenas pela compreensão das estratégias retóricas utilizadas pelas mulheres negras nas batalhas de Rimas, mas também lança luz sobre questões mais amplas de identidade, poder e emancipação. Ao analisar como essas mulheres constroem narrativas de resistência, podemos desvelar não apenas a força de suas palavras, mas também as complexidades das relações raciais e de gênero no Brasil contemporâneo.

A partir da escrita desta monografia, não apenas prestamos homenagem a essas vozes muitas vezes silenciadas, mas também contribuimos para o entendimento e o avanço das discussões sobre raça, linguagem, gênero e poder em nossa sociedade. Esperamos que esta monografia possa guiar o caminho para a promoção de uma sociedade mais justa e igualitária, na qual as mulheres negras sejam ouvidas, respeitadas e empoderadas em sua busca contínua por

reexistência.

Para esse propósito, realizamos uma pesquisa qualitativa e documental (vídeos disponíveis no *YouTube* e suas respectivas transcrições).

Acerca da organização do texto, esta monografia tem início com este capítulo introdutório, no qual apresentamos a contextualização do problema, os objetivos e justificativa desta pesquisa. No capítulo dois, dedicamos um espaço para a explicitação de alguns termos e conceitos que são frequentemente utilizados nesse debate, tais como: raça, racismo, discriminação racial e, para o caso específico dessa pesquisa, racismo genderizado além de apresentar um panorama histórico acerca Lei 10. 639/2003 que permeia o caráter educacional do tema. O capítulo três aborda a interseção entre o movimento *Slam* e a resiliência da população negra brasileira. Destaca a evolução do *Slam* no Brasil, sua relação com a cultura *hip hop* e a oralidade. Além disso, explora a relevância da Linguística Aplicada INdisciplinar na análise das interações sociais marcadas por gênero, raça e classe, e como os Letramentos de Reexistência utilizam a linguagem como uma maneira de se reinventar resistindo. Também discute o Slam como um gênero textual oral público, incorporando voz, gestos e expressões para produzir sentidos. O quinto capítulo é dedicado a exposição dos procedimentos metodológicos utilizados na análise de dados, já no capítulo quatro, incluindo alguns apontamentos pedagógicos. E por fim, no capítulo cinco, discutiremos as principais achados e conclusões dessa pesquisa.

## 2. Educação para as relações étnico-raciais no Brasil

Para que seja possível debater questões relacionadas às temáticas étnico-raciais, especialmente no âmbito da educação, é necessário ter uma compreensão clara de alguns termos e conceitos que são frequentemente utilizados nesse debate, tais como: raça, racismo, discriminação racial e, para o caso específico dessa pesquisa, racismo genderizado. Para o escopo desta pesquisa, destacadamente, é crucial ter um conhecimento aprofundado desses termos e conceitos que estão presentes nesse debate, a fim de evitar o uso de noções superficiais. Diante disso, este capítulo é configurado na seguinte organização: a seção 2.1) Raça, racismo, discriminação racial e o conceito de racismo genderizado dedica-se à reflexão dos conceitos a partir do diálogo com entre diversos teóricos(as), pesquisadores(as) comprometidos(as) com as temáticas referentes aos(as) negros(as) do Brasil e da Diáspora, tais como Nilma Lino Gomes (2005; 1995), Kabengele Munanga (2007) e Grada Kilomba (2019). Já a seção 2.2) 20 anos da lei 10. 639/2003 pretende apresentar um breve contexto histórico da Lei, que permeia o tema a fim de nos aproximar da articulação entre a reflexão teórica, a prática social e o campo educacional.

### 2.1. Raça, racismo, discriminação racial e o conceito de racismo genderizado.

#### 2.1.1 Raça

A pesquisa em questão aborda o termo “raça” sob uma perspectiva que coincide com a adotada pelo Movimento Social Negro, sendo analisada a partir da ótica das Ciências Sociais e não das Ciências Biogenéticas. Pois, conforme expressa Kabengele Munanga:

podemos observar que o conceito de raça tal como o empregamos hoje, nada tem de biológico. É um conceito carregado de ideologia, pois como todas as ideologias, ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação. (Munanga 2004, p. 6)

Sendo assim, é importante ressaltar que o conceito de raça construído historicamente pelas ciências biológicas difere da abordagem proposta neste estudo. Ao usarmos a palavra *raça* para falar sobre a complexidade existente nas relações entre negros e brancos no Brasil, não estamos nos referindo, de forma alguma, ao

conceito biológico de raças humanas usado em contextos de dominação que marcaram, e ainda marcam, a humanidade. A presente pesquisa adota uma abordagem alinhada à declaração de Nilma Lino Gomes (2005), a qual advoga a favor do uso do termo ter

com uma nova interpretação, que se baseia na dimensão social e política do referido termo. E, ainda, usam-no porque a discriminação racial e o racismo existente na sociedade brasileira se dão não apenas devido aos aspectos culturais dos representantes de diversos grupos étnico-raciais, mas também devido à relação que se faz na nossa sociedade entre esses e os aspectos físicos observáveis na estética corporal dos pertencentes às mesmas. (Gomes 2005, p. 45)

Assim, de modo claro, tomamos o termo “raça” em sua dimensão política, que é intrínseca, considerando sua natureza inerente e o fato de que ele carrega significados que foram redefinidos ao longo do tempo. Esse debate se configura como tópico importante para o desenvolvimento da pesquisa, pois é necessário valorizar e resgatar a história dos povos negros antes, durante e após o período da escravidão. Nesse sentido, a politização desse termo é essencial para superar as relações de poder historicamente estabelecidas e, especialmente, para compreender a sociedade contemporânea. Essa abordagem nos possibilita reconhecer a importância das questões raciais e seu impacto na configuração social, permitindo-nos adotar uma postura crítica em relação às desigualdades e injustiças presentes atualmente. É adotando essa perspectiva que podemos enfrentar o fenômeno promovido pela racialização biológica: o Racismo.

### 2.1.2. Racismo e Discriminação Racial

O Racismo se manifesta dentro da sociedade brasileira de formas variadas, por meio de expressões tanto individuais e institucionais, quanto culturais. Sendo assim, os sujeitos vítimas do racismo podem experimentar a violência nas três dimensões em que ela se apresenta. Como explica a professora Nilma Gomes (2005),

o racismo é, por um lado, um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como: cor da pele, tipo de cabelo, etc. Ele é por outro lado um conjunto de ideias e imagens referentes aos grupos humanos que acreditam na existência de raças superiores e inferiores. O racismo também resulta da vontade de se impor uma verdade ou uma crença particular como única e verdadeira. (Gomes, 2005, p. 52)

Nesse cenário, o Brasil apresenta-se como o modelo de relações raciais, principalmente se comparado a outros países e contextos marcados por um racismo explícito, ou o denominado, ainda, “preconceito de origem”, caracterizado, por Nogueira (1985) como uma experiência estadunidense marcada por uma forma de discriminação racial que é baseada na origem étnica e na ascendência dos indivíduos. Essa pseudo característica do povo brasileiro, defendida por intelectuais nacionais como Gilberto Freyre (2011 [1933]), contribuiu para que os estudos de relações raciais fossem fundamentados negando a existência do racismo no Brasil e afirmando somente a existência de grupos de cor, ou seja, grupos étnicos que eram reconhecidos principalmente por suas características físicas, mas não necessariamente como vítimas de um sistema estrutural de discriminação racial. Essa perspectiva tendia a minimizar a importância das desigualdades raciais e as barreiras enfrentadas por pessoas negras em várias esferas da vida, como educação, emprego e acesso a serviços de saúde. A defesa da mestiçagem como uma possível solução para o problema racial brasileiro e a percepção de que a ascensão social estaria ao alcance de todos independentemente da cor retardou a devida discussão e a luta pela superação do racismo na sociedade brasileira.

Essa ideia evidencia uma das principais dificuldades em reconhecer o racismo presente no Brasil, pois a tendência de atribuir a discriminação apenas ao nível individual, em vez de reconhecê-la como um elemento profundamente arraigado no contexto nacional, resulta em subestimar a complexidade do problema e limita a capacidade de implementar soluções eficazes.

Em contrapartida a essa visão, a ideia de democracia racial, para Nascimento (2016, p. 111), é uma perfeita metáfora para o racismo à brasileira, uma vez que não apenas se configura como uma construção ilusória, mas também é extremamente desumana. Além de restringir a mobilidade social dos indivíduos, ela causa danos significativos à forma como eles se enxergam, gerando um impacto direto na autoestima, sendo este fator crucial na luta e conquista de objetivos de qualquer cidadão.

O racismo cultural é uma das manifestações mais comuns do racismo na sociedade brasileira, caracterizada pela prevalência de padrões eurocêtricos historicamente estabelecidos. Esses padrões abrangem diversas esferas da vida, desde o nascimento, alimentação, vestimenta, comportamento e até mesmo a forma

de morrer. Qualquer expressão cultural que se afaste desses padrões é frequentemente vista como estranha ou inferior. Nesse sentido, faz-se importante resgatar o conceito de “etnocentrismo”, o qual Gomes (1995, p. 56) define como uma ação que consiste em postular indevidamente como valores universais os valores próprios da sociedade a que o indivíduo pertence. Ele parte de um particular que se esforça em generalizar e deve, a todo custo, ser encontrado na cultura do outro.

Ainda que as diversas formas de resistência negra, surgidas antes e após o longo do processo de escravização, tenham sido de suma importância, destaca-se aqui o movimento da negritude como vital para o despertar da autoestima do povo negro. O movimento da negritude, emergindo no início do século XX, desempenhou um papel crucial no despertar da autoestima do povo negro ao desafiar estereótipos racistas e promover uma visão positiva da identidade negra. Ao celebrar a cultura africana e destacar as contribuições das comunidades negras para a humanidade, ele fortaleceu o senso de pertencimento e orgulho. Além disso, ao incentivar a conscientização histórica, o ativismo político e a luta pelos direitos civis, o movimento da negritude desempenhou um papel vital na busca por igualdade racial e na resistência à discriminação racial em todo o mundo.

Por sua vez, o termo *Negritude* foi batizado por Aimé Césaire, no poema *Cahier d'un retour au pays natal* (1939), no qual o termo reverte o tom pejorativo que a palavra “negro” adquirira para um sentido positivo, apontando já para uma tomada de consciência de valorização *versus* dominação. Porém, no cenário que continua sendo racista, a negritude é sobrecarregada por percepções pré-concebidas e estereotipadas que demandam esforços de desconstrução. O homem negro enfrenta uma constante avaliação e justificação de suas ações, baseadas unicamente em sua identidade racial, o que o impede de se sentir como um simples indivíduo entre os demais, alguém digno de respeito em sua singularidade como qualquer outra pessoa. Ele é submetido a olhares avaliativos e sentenças contínuas, impedindo-o de ser reconhecido como alguém sujeito a erros e acertos como qualquer outro indivíduo não negro seria. As palavras do psiquiatra e filósofo martinicano Franz Fanon (2008, p. 26) evidenciam esse conflito interno, ao afirmar que “o negro não é um homem, o negro é um homem negro”. O destaque dado à palavra “negro” em relação à palavra “homem” ressalta a noção de alteridade<sup>1</sup> presente nos discursos, enfatizando que as diferenças

---

<sup>1</sup> A "alteridade" é um conceito que descreve a capacidade de perceber e reconhecer as diferenças entre indivíduos ou grupos em relação a si próprio (Abbagnano, 2007). Em contextos sociais e culturais, a

sobrepujam as semelhanças. Essa percepção enraizada no inconsciente coletivo permite que o diferente, o “estranho” (Munanga, 1988) em relação ao modelo branco, seja temido, controlado, desumanizado e naturalmente excluído.

No Brasil, mesmo diante de dados estatísticos que evidenciam notáveis disparidades econômicas entre negros e brancos, bem como um número alarmante de mortes violentas que afetam a população negra, o reconhecimento da existência do racismo ainda é uma barreira que dificulta sua enfrentamento. A opressão proveniente do racismo institucionalizado em nossa sociedade já é limitante, mas é necessário evidenciar a opressão específica enfrentada pelas mulheres negras, uma vez que ocupam uma posição ainda mais desfavorecida na pirâmide social e carregam o peso da opressão racista, classista e sexista.

### 2.1.3. Racismo Genderizado

A vida das mulheres negras é profundamente influenciada por uma interseção complexa de experiências sociais e históricas. Isso é resultado da herança de um passado em que a escravidão e o patriarcado se entrelaçaram de maneira significativa. No cenário brasileiro, quando uma mulher se identifica como "mulher negra", está fazendo mais do que uma simples descrição de sua identidade racial e de gênero; é uma afirmação carregada de caráter político e reivindicatório. A autoidentificação como "mulher negra" tem a intenção de buscar reconhecimento e validação como um ser humano completo, em uma sociedade historicamente marcada pela marginalização e opressão dessas mulheres. Portanto, essa jornada envolve enfrentar diversas encruzilhadas que podem solidificar ou fruir a experiência de estar viva, dependendo do ponto de vista adotado. A perspectiva branca, devido à sua natureza sistêmica de poder, tende a aprisionar a mulher negra em um sistema de exploração e opressão. Lélia Gonzalez (2020, p. 217), em 1982, cunhou o termo “tríplice discriminação” (social, racial e sexual) para descrever essa realidade, em que o racismo se divide - ou se agrupa - em social, racial e sexual

O conceito de racismo genderizado, formulado e explorado por Kilomba (2019), proporciona uma perspectiva específica e detalhada para compreender a complexa realidade vivenciada pelas mulheres negras. Ao analisar profundamente as

---

alteridade envolve a ideia de que as pessoas podem reconhecer as características distintivas do "outro", que podem ser culturais, étnicas, raciais, religiosas, linguísticas ou de outra natureza.

interseções inseparáveis entre raça e gênero, essa abordagem crítica reconhece que as duas formas de opressão enfrentadas por essas mulheres estão intrinsecamente ligadas. Isso ocorre porque as estruturas racistas se entrelaçam com os papéis de gênero, e vice-versa, enquanto o gênero também desempenha um papel fundamental na construção da noção de “raça” e na experiência do racismo. Basicamente, essa perspectiva revela uma rede complexa de relações, onde as narrativas racistas e de gênero se entrecruzam e se reforçam mutuamente. O gênero molda a forma como a “raça” é percebida e vivenciada, enquanto as estruturas raciais influenciam a construção dos papéis de gênero. Essa dinâmica cria uma espécie de ciclo de opressão, onde as mulheres negras enfrentam uma experiência única e profundamente enraizada de discriminação.

É importante destacar que essa interseção entre raça e gênero não é apenas um fenômeno contemporâneo, mas também é enraizada na história colonial. Kilomba (2019) nos convida a entender essa realidade como uma "fantasia colonial", uma narrativa que foi concebida durante a era colonial e que continua a ser transmitida de geração em geração. Isso implica que as opressões enfrentadas pelas mulheres negras não são eventos isolados, mas sim uma continuação de uma história profundamente enraizada, que conecta passado, presente e futuro.

Segundo a autora, a mulher pode ser vista como o Outro do Outro, isso implica que ela ocupa uma posição ainda mais marginalizada e subalterna na sociedade. A expressão destaca uma forma de dupla alteridade, na qual a mulher negra é vista como "Outra" em relação à norma dominante estabelecida pela sociedade e também como "Outra" dentro do próprio grupo de mulheres, muitas vezes dominado por perspectivas brancas e eurocêntricas, o que a coloca em uma posição ainda mais complexa em relação à reciprocidade. Portanto, as mulheres negras têm sido

incluídas em diversos discursos que mal interpretam nossa própria realidade: um debate sobre o racismo onde o sujeito é o homem negro; um discurso gendrizado no qual o sujeito é a mulher branca; e um discurso de classe no qual “raça” não tem nem lugar. Nós ocupamos um lugar muito crítico dentro da teoria. Por conta dessa falta ideológica, argumenta Heidi Safia Mirza (1997), as mulheres negras habitam um espaço vazio, um espaço que se sobrepõe às margens da “raça” e do gênero, o chamado “terceiro espaço”. (Kilomba, 2019, p. 97-98).

Desse trecho, depreende-se que realidade das mulheres negras é caracterizada por uma espécie de vazio que as coloca em segundo plano e cria contradições, uma

situação que é perpetuada pela simplificação da sociedade em duas categorias: negros de um lado e mulheres do outro. Nesse cenário as mulheres negras encontram-se no meio desse dilema teórico complexo, onde os conceitos de "raça" e gênero estão profundamente entrelaçados. Essas narrativas distintas contribuem para a falta de visibilidade das mulheres negras nas discussões tanto acadêmicas quanto políticas.

Podemos, então, entender que as experiências de “ser” negro e mulher não se somam, interseccionam-se, já que as formas de opressão não operam em singularidade, ou como uma simples sobreposição de camadas, elas se entrecruzam, da mesma forma que o racismo interage com outras ideologias e estruturas de dominação. O racismo genderizado tem impactos particulares nas mulheres negras, resultando na tentativa de invisibilização de suas necessidades e demandas devido à falta de reconhecimento de suas experiências únicas em termos de gênero e raça. A presença das mulheres negras nas esferas sociais, históricas e econômicas muitas vezes é ignorada, uma vez que tanto as questões de gênero quanto as de raça são frequentemente centradas na figura masculina, deixando pouco espaço para considerar a realidade e as vivências das mulheres negras.

#### 2.1.4. A lei 10. 639/2003 sua contribuição no cenário da educação para as relações étnico-raciais no Brasil

Na busca de uma solução para a questão da valorização e ensino das histórias e culturas africanas e afro-brasileiras, em 9 de janeiro de 2003, foi criada uma lei que tornava o ensino das histórias e culturas africanas e afrobrasileiras obrigatório. Trata-se da Lei 10639/2003, cujo texto diz

LEI Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.

Mensagem de veto Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faça saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a

cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras (Brasil, 2003).

Em 19 de maio de 2004, como desdobramento da Lei 10.639/2003, foi homologado o Parecer CNE/CP nº 003/2004, que estabeleceu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana (DCNERER). Essa medida teve como objetivo principal institucionalizar a implementação da educação das relações étnico-raciais e garantir a efetiva aplicação da Lei 10.639/2003.

Entendemos que ambos os objetivos representam um marco histórico no processo de luta dos movimentos negros brasileiros por políticas públicas antirracistas, especialmente no campo da educação. As medidas governamentais refletem as concepções de identidade negra e negritude construídas no interior desses movimentos sociais, sendo carregados de significados simbólicos (Oliva, 2009; Costa, 2013). No bojo desses debates, vale refletir sobre a existência das três fases distintas da atuação do movimento negro.

A esse respeito, baseando-se em Domingues (2007), a primeira fase se refere ao período pós abolição, quando a educação passou a ser considerada, pelo movimento negro, como instrumento possibilitador de integrar a população negra às exigências do mercado de trabalho, sem propriamente uma busca pela transformação social. A segunda fase, de 1945 a 1964, compreendia a educação não só como uma estratégia de superação do racismo e da integração do negro na sociedade, mas também como instrumento de elevação da sua autoestima.

Já a terceira fase, mais radical na forma de conceber a questão racial no Brasil, principalmente através da criação do Movimento Negro Unificado (MNU) em 1978, propunha uma nova noção de identidade negra, com o objetivo de contestar o mito da democracia racial, denunciar o racismo como estrutural e afirmar positivamente uma negritude africanizada e em moldes multiculturalistas.

Foi, no contexto desta terceira fase, que foram executadas propostas e ações pedagógicas por todo o Brasil, como debates e proposições de políticas públicas para a educação das relações étnico-raciais. E, ainda, contribuiu para denunciar a escola como um espaço de exclusão, discriminação e perpetuação de ideologias racistas e,

em consequência, a necessidade da valorização das culturas negras, principalmente através de mudanças nos currículos escolares (Rocha; Silva, 2013). Segundo Araújo (2017), a entrada do tema racial nas políticas públicas brasileiras, sobretudo na educação formal, como a Lei 10.639/2003, é um fato recente e demonstra o desfecho de demandas do movimento social negro junto ao Estado brasileiro. Na verdade, desde sua gênese, os movimentos negros, ressaltam o acesso a educação como ponto primordial na luta contra a negação do direito dos negros e, conforme pesquisa realizada por Florestan Fernandes em 1951, a escola passou a ser definida socialmente pelos negros como um veículo de ascensão social. Nesse sentido, Pinto (1993) assera que:

De fato, se considerarmos o movimento negro como um indicador da atitude do negro, percebemos que a educação sempre esteve no centro das suas preocupações. Nas primeiras décadas do século, surgiram na cidade de São Paulo inúmeras associações negras que desenvolveram as mais diversas atividades educacionais, desde a encenação de peças teatrais, sessões de declamação de poesias –os chamados festivais lítero-dançantes –, promoção de palestras educativas mais formais, como cursos de atualização, de alfabetização e mesmo um curso primário regular, como o mantido pela Frente Negra Brasileira. (Pinto, 1993, p. 28)

A Lei 10.639/2003, implementada durante o governo do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em 2003, apresenta-se em um contexto político-institucional favorável à consolidação dos movimentos antirracistas. No ano seguinte, foram elaboradas as Diretrizes Curriculares correspondentes. Nesse cenário, as ações afirmativas desempenham um papel central, com um forte enfoque na questão racial, buscando introduzir novas concepções de identidade negra e negritude. E a Lei 10.639/2003 e as Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais (DCNERERs) se inserem nesse contexto. Portanto, verifica-se que a 10639/03 configura-se como uma das ferramentas da classe trabalhadora e da população negra para a superação do padrão de colonialidade, responsável e reprodutor por diversas formas de desigualdades raciais e sociais experimentadas no Brasil.

Oliveira e Candau (2013) descrevem a colonialidade como uma estrutura triangular que se manifesta nas interseções do poder, do saber e do ser. Essa concepção é compreendida como uma continuidade de um padrão de poder que se originou a partir da "descoberta" das Américas e que se mantém presente na contemporaneidade. Eles apontam que a colonialidade possui uma dimensão material

de exploração, mas também uma dimensão ideológica e identitária que resultou na construção de um modelo único, universal e objetivado, tendo a Europa como referência. Essa perspectiva eurocêntrica enraizada na colonialidade tem o efeito de excluir outros saberes e formas de compreender o mundo, desvalorizando e marginalizando tudo o que está nas margens, negando a plena humanidade desses grupos e desconsiderando as realidades e perspectivas das periferias.

Ao mencionar a Lei 10.639/03, Oliveira e Candau (2010) destacam que essa legislação representa uma ruptura com as perspectivas eurocêntricas de interpretação da construção da sociedade brasileira. A Lei em questão tem como objetivo fundamental promover o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nas escolas, buscando, assim, superar o etnocentrismo europeu que por tanto tempo esteve arraigado em nossos sistemas de ensino. A esse despeito, Hooks (2013, p. 224) vê na língua “um território onde nos transformamos em sujeitos”, “como local de resistência”. E, considerando a expressão linguística, a história de vida, a identidade, a produção cultural de cada educando como formas de construção de um sentimento de pertença e estima, vão se “criando espaços onde vozes diferentes possam falar” (p. 231). De modo complementar, Carneiro (2016) ressalta a capacidade que a educação tem, também, de se contrapor às diferenças e promover a igualdade de oportunidades no convívio social e, para a autora, a educação é “[...] um importante instrumento de superação de desigualdades, opressões e hierarquizações que operam na sociedade” (p. 123).

Através dos séculos, essa estrutura social foi contestada pela militância, resultando no surgimento de movimentos importantes que reivindicam questões exclusivas da população negra, afinal, a educação desempenha um papel fundamental ao se contrapor a essa realidade e operar mudanças. Assim, ao incluir no currículo escolar o estudo da história e cultura afro-brasileira, a Lei 10.639/03 contribui para fortalecer a identidade, o reconhecimento e a autoestima dos jovens negros, pois

o diálogo escola/afro-brasilidade – ação exigida pela lei 10.639, em seu potencial de interatividade –, além de alterar o lugar tradicionalmente conferido a matriz cultural africana, resgata e eleva a autoestima do alunado negro, de forma a abrir-lhe espaço para uma vivência escolar que o respeite como sujeito de uma história de valor, que é também a do povo brasileiro. Portanto, a implantação dessa lei corresponde a uma ação afirmativa, que visa à revisão da qualidade das relações étnico-raciais no Brasil. (Amâncio, Gomes & Jorge, 2008, p.119)

No que tange a questão das mulheres negras, a Lei também desempenha um papel fundamental na promoção do empoderamento de mulheres negras, combatendo o racismo genderizado e proporcionando uma educação mais inclusiva e consciente. Ao aprender sobre a história das mulheres negras e as lutas que enfrentaram, por exemplo, as mulheres têm a chance de desenvolver um olhar crítico sobre as opressões que afetam especificamente essa parcela da população e são estimuladas para se posicionar contra a discriminação e a violência de gênero com viés racial. Ao adquirirem o poder da educação, as mulheres negras perceberam que as demandas específicas relacionadas a sua identidade de gênero e etnia não eram abordadas de forma adequada nem pelo movimento negro, nem pelo movimento feminista, convertendo-se no entendimento do racismo genderizado (Kilomba, 2019).

É nesse contexto que escolhemos o *Slam* como foco de estudo desta pesquisa. O hip hop, uma expressão cultural e artística que surgiu em comunidades marginalizadas e urbanas, emerge como um meio de resistência, denúncia e potencialização. Os *Slams* no movimento hip hop oferecem às mulheres uma plataforma de visibilidade, empoderamento e resistência onde as mesmas podem explorar suas identidades e narrativas de forma autêntica e sem censura, permitindo-lhes amplificar suas vozes por meio da expressão artística.

### **3. SLAM como Letramentos de Reexistência da população negra brasileira**

Este capítulo explora a intrincada interseção entre o movimento cultural *Slam* e a resiliência da população negra brasileira. A seção inicial, "O *Slam* como gênero textual oral", exploramos o *Slam* como um gênero textual oral público, que incorpora elementos de voz, gestos e expressões para produzir sentidos de forma poderosa. O próximo segmento, de título "O *Slam*: a voz das mulheres negras nas/das periferias", destaca a evolução do *Slam* no Brasil desde 2012, focando em como o *Slam* se consolidou como uma forma de expressão coletiva, cuja prática incluem sua relação com a cultura *hip hop*, a globalização, as condições econômicas das comunidades envolvidas e a oralidade, que transcende fronteiras culturais. Finalmente, na seção de título "Linguística Aplicada e o conceito de Letramentos de Reexistência", exploramos a relevância da Linguística Aplicada na análise das interações sociais marcadas por gênero, raça, classe e sexualidade. A abordagem "LA indisciplinar" emerge como um

paradigma contemporâneo que transcende os limites da linguística, colaborando com outras disciplinas. Os Letramentos de Reexistência empregam a linguagem como instrumento de luta e resistência, desafiando estruturas opressivas e reafirmando a identidade cultural.

### 3.1 O *Slam* como gênero textual oral

O gênero textual aqui é visto como um “conjunto de convenções relativamente estável que é associado com, e parcialmente representa, um tipo de atividade socialmente aprovada” (Fairclough, 2001, p. 161). Esses gêneros se adequam aos propósitos de diferentes contextos de comunicação em várias áreas da atividade humana, sendo assim:

Podemos chegar a uma compreensão de gêneros se os compreendermos como fenômenos de reconhecimento psicossocial que são parte de processos de atividades socialmente organizadas. Gêneros são tão-somente os tipos que as pessoas reconhecem como sendo usados por elas próprias e pelos outros. Gêneros são o que nós acreditamos que eles sejam. Isto é, são fatos sociais sobre os tipos de atos de fala que as pessoas podem realizar e sobre os modos como elas os realizam (Bazerman, 2006, p. 31, grifos do autor).

Os gêneros orais, por sua vez, são aqueles que se baseiam na voz humana como meio de expressão, mas essa característica por si só não é suficiente. Eles devem ser produzidos para serem realizados oralmente, mesmo que tenham também uma versão escrita (Travaglia et al., 2013). Levar em conta esses dois critérios é essencial para entender esses gêneros corretamente e evitar equívocos. Ler em voz alta um romance, um conto ou uma crônica, por exemplo, não os torna gêneros orais; eles precisam ter sido criados com essa finalidade específica em mente.

Os gêneros textuais orais públicos são mais regulados do que aqueles usados para a comunicação privada, uma vez que, segundo Dolz e Schneuwly (2004), eles apresentam restrições externas e exigem um controle mais consciente do comportamento para dominá-los. Essa definição se aplica ao gênero oral público selecionado para esta pesquisa, o *Slam*, que envolve habilidades multimodais da voz e da comunicação corporal. Apesar dos autores citados não terem explorado gêneros textuais orais literários em seus postulados, concebemos o *slam* como um gênero oral público, inserido na esfera<sup>2</sup> literária.

---

<sup>2</sup> Espaço ou âmbito específico de atividade, interesse ou discussão. Delimita ou define uma área

Consideramos os *Slams* como um gênero oral, porque os artistas utilizam a oralidade para dar vida às palavras, empregando elementos como entonação, ritmo e gestos para produzir sentidos e efeitos sociais, dessa forma:

O corpo é a materialização da nossa existência no mundo; a voz, por sua vez, imprime a urgência de transmissão de nossos anseios. Ambos são essenciais. A dinâmica do slam reafirma a necessidade de tal imposição. Com seus corpos e vozes, os slammers se inserem nas cenas centrais urbanas afrontando as estruturas institucionais que há tempos os impelem às zonas periféricas na tentativa de tornar longínquos os seus clamores, desconsiderando-os. (Soares, 2021 p. 54)

Durante muito tempo, o ensino de Língua Portuguesa priorizou a leitura e saber ler e escrever era o objetivo central da educação. Entretanto, essa percepção é compartilhada por muitos educadores e pesquisadores, como Carvalho e Ferrarezi Jr. (2018) na obra "Oralidade na Educação Básica", onde eles destacam que ouvir e falar são habilidades naturais, enquanto leitura e escrita são habilidades mais dependentes da escolarização.

A incorporação da oralidade nos novos paradigmas de ensino da língua materna revelou-se benéfica, ao trazer uma abordagem mais substancial e abrangente da modalidade falada para o currículo, retirando-a de sua posição periférica no contexto educacional. As referências normativas trazidas pela Base Nacional Curricular Comum (BNCC), em 2018, tentam destinar mais espaço para a oralidade nas propostas pedagógicas e curriculares no Brasil. A própria criação da Lei nº 10.639/03 desempenhou um papel crucial ao estimular a busca por conhecimento para transmitir aos alunos, por meio de gestos, arte e, evidentemente, da oralidade, o valor da contribuição afrodescendente na formação histórica e cultural do povo brasileiro. Na BNCC, a tradicional concepção centrada na escrita é abandonada e a complexidade da relação de textos verbais com outras semioses passa a ser considerada (BRASIL, 2018, p. 78-79).

A oralização dos poemas do gênero *slam* se enquadram como produção oral de vocalização de um texto escrito, ou seja, “trata-se [...] de toda palavra lida ou recitada” (Dolz; Schneuwly, 2004, p. 133). O caráter performático do *slam* exige habilidades complexas no contexto da comunicação oral, incluindo recursos não verbais que complementam o significado do conteúdo linguístico e expressam

emoções e sensações do enunciador, às vezes até substituindo o conteúdo linguístico em certos contextos de comunicação.

### 3.2 O *Slam*: a voz das mulheres negras nas/das periferias

Desde 2012, jovens provenientes de diversas regiões do Brasil têm escrito e declamado poesias de forma audaciosa. Suas vozes ressoam não apenas nas ruas, mas também em páginas impressas, através de transmissões ao vivo e vídeos online, onde apresentam poemas francos e críticos que abordam temáticas como disparidades de classe, racismo e misoginia. Essa vigorosa expressão poética encontra sua morada numa forma de manifestação artística coletiva, conhecida como *Slam*, ou batalha de poesias, a qual D'álva (2014) diz que poderia ser definida de muitas maneiras, como

uma competição de poesia falada, um espaço para livre expressão poética, uma ágora onde questões da atualidade são debatidas, ou até mesmo, mais uma forma de entretenimento. De fato, é difícil defini-lo de maneira tão simplificada, pois em seus 25 anos de existência, ele se tornou, além de um acontecimento poético, um movimento social, cultural, artístico que se expande progressivamente e é celebrado em comunidades em todo o mundo. (D'álva, 2014, p. 97)

Nesse sentido, Peregrino estabelece uma ligação entre a disseminação global da *Poetry Slam* e quatro pilares fundamentais, sendo eles:

1) sua associação à cultura hip hop; 2) o processo de globalização e homogeneização cultural a partir dos Estados Unidos; 3) as condições econômicas da comunidade que se une em torno do *slam* e 4) a oralidade que aproxima todas as culturas, uma vez que é uma marca que atravessa a ancestralidade de todos os povos. (Peregrino, 2019, p. 31)

O marco inicial das competições de *slam* remonta a 1986, na cidade de Chicago, Estados Unidos, quando Marc Kelly Smith, poeta e trabalhador da construção civil, estreou com o espetáculo denominado "Uptown Poetry Slam". Nesse evento pioneiro, o *slammer* estabeleceu um conjunto simples de diretrizes que perduram até os dias atuais, sendo eles 1) a proibição de uso de trajes especiais, adereços, cenários ou acompanhamento musical e 2) os poemas devem ser de autoria própria e recitados

no limite de três minutos. Atualmente, os coletivos de *slam* florescem em mais de 500 comunidades pelo globo<sup>3</sup>.

Sendo assim, no *Poetry Slam*, os poetas apresentam suas criações de maneira envolvente e cativante, muitas vezes incorporando gestos, entonações e emoções para produzir sentidos e mobilizar efeitos sociais de maneira mais impactante. A competição, embora seja uma parte importante do *Slam*, não se concentra apenas na habilidade poética, mas também na capacidade de conectar-se com o público e mobilizar emoções e ideias de forma convincente.

Uma das características distintivas do *Slam* é a sua acessibilidade e abertura, visto que qualquer pessoa pode participar, independentemente de formação educacional ou experiência anterior em poesia. Isso democratiza a expressão literária, permitindo que vozes marginalizadas e sub-representadas tenham a oportunidade de serem ouvidas. O ambiente do *slam* também se caracterizou como um ambiente competitivo, onde os poetas se enfrentam em batalhas poéticas, criando um cenário emocionante e estimulante. No entanto, o aspecto competitivo é equilibrado pelo senso de comunidade e apoio mútuo entre os participantes. Os aplausos e os *snaps* (estalos de dedos) do público, em vez de vaias ou críticas negativas, criam um ambiente de respeito e incentivo, onde todos são encorajados a compartilhar suas histórias e perspectivas.

Roberta Estrela D'Alva, como fundadora do Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, desempenhou um papel crucial e, em 2008, foi a mente por trás da criação do ZAP! (Zona Autônoma da Palavra), movimento pioneiro no território brasileiro, que tinha como base a promoção do *slam*. No Brasil, para além da notável multiplicidade de coletivos de *slam*, que orquestram eventos quase mensalmente, destacam-se também o *SLAM SP* e o *SLAM BR* - Campeonato Brasileiro de Poesia Falada. Este último é organizado pelo *slam ZAP!*, no qual, desde 2008, o(a) vencedor(a) assume a responsabilidade de representar o país na Copa do Mundo de Poesia, o renomado *Grand Poetry Slam*, sediado em Paris, França. Vale mencionar que, devido às circunstâncias de 2020<sup>4</sup>, a edição deste evento ocorreu exclusivamente de forma virtual.

---

<sup>3</sup> “Slam BR – Campeonato Brasileiro de Poesia Falada” Site do Itaú Cultural. 2016. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/slam-br-campeonato-brasileiro-de-poesia-falada>. Acesso em: 03 de ago. 2023.

<sup>4</sup> As circunstâncias de 2020 se referem à pandemia de COVID-19, que obrigou a maioria dos eventos a ocorrerem virtualmente devido às restrições de encontros presenciais e viagens.

No que tange a atuação masculina e feminina no *Poetry Slam*, em contexto nacional, temos as mulheres em posição de liderança, diferente das batalhas de MC's, que são dominadas por figuras masculinas (D'ALVA, 2019). Ainda nesse contexto nacional e de destaque feminino, a pesquisa realizada por Ferreira (2022) explorou as experiências do *Slam* especificamente na cidade de Recife, destacando o papel central das mulheres como protagonistas. O estudo revelou como a arte periférica desempenha um papel vital na descoberta e na aceitação dos artistas. O movimento *Slam* em Recife é notório por sua natureza reivindicatória, reforçando o direito à cidade. Esse aspecto é ainda mais acentuado pelo empenho em trazer à tona denúncias e questionamentos pertinentes à condição racial e de gênero. A esse respeito, Ferreira (2022, p.15) advoga que

É importante relacionar o movimento *Poetry Slam* no Recife com o ativismo urbano. Patrícia Naia, *Slammaster*, produtora do Slam das Minas em Recife, fala sobre a intenção de criar um espaço seguro para mulheres se expressarem poeticamente, na contramão das batalhas de rap que eram ocupadas principalmente por homens e onde o machismo era muito presente, para além da própria reivindicação dos espaços públicos. (Ferreira, 2022, p.15)

Apesar de ser um torneio aberto a ambos os gêneros, permitindo até certo ponto que as mulheres abordem suas questões, houve o reconhecimento da necessidade de criar um espaço verdadeiramente legitimador de lutas, defesas, compartilhamento de amor e expressão de angústias. Assim, surgiu, a partir de 2015, em diversas partes do Brasil, o movimento conhecido como "*Slam das Minas*". Essa iniciativa emergiu da clara percepção, por parte das mulheres, de que seus espaços e vozes eram limitados em tamanho e alcance. Em 2015, por exemplo, mesmo com a participação de um número maior de mulheres do que homens no "*Slam BR*", o destaque e a visibilidade concedida a elas ainda eram menores. Para Pâmela Araújo (2016, p. s/n), membro do "*Slam das Minas*", ter um movimento só das mulheres

É até um problema, porque 90% do público é mulher também. E a gente está ali para falar não só para as mulheres, elas já sabem o que é sofrer com o machismo. Nos outros espaços não é uma questão de falta de respeito, mas é algo da sociedade como um todo. Somos ensinados a não gostar de ouvir voz de mulher, porque "é irritante", "é fina", não queremos escutá-las. Aí quando você vai ouvir mulheres no microfone, falando poesia, acaba não dando nota para elas, porque já ouve com uma barreira, nem presta atenção no que estão dizendo. No Slam das Minas só batalha mulher e não aceitamos homens machistas lá, porque é um espaço de segurança para as mulheres, para elas poderem falar o que quiser sem medo, sem se sentir intimidada. Já se uma

mulher que frequenta o espaço fala coisas machistas, entendemos que é importante que ela esteja ali para conversarmos. (Araújo, 2016, p. s/n)

A tentativa de silenciamento das mulheres é, precisamente, o fator que perpetua a sua subordinação, conforme analisado por Spivak (2010). A subalternidade reside na representação estereotipada que as caracteriza como aquelas cujas vozes são irritantes e falam excessivamente, resultando no desejo de buscar refúgio no *Slam das Mulheres*, um espaço seguro e livre de intimidação e machismo. Esse cenário está intrinsecamente ligado às novas perspectivas do feminismo, abordadas por Schmidt e Macedo (2019, p. 44). De acordo com esses autores, o feminismo na contemporaneidade assume

feição marcadamente plural, transnacional, profundamente implicada nos movimentos e fluxos de pessoas e nas redes de saberes e práticas construídas como formas de resistência e sobrevivência aos assaltos dos poderosos do mundo. Tal percepção dos rumos atuais do feminismo implica perceber o quanto o movimento tem se reinventado e se fortalecido através de percursos que cruzam os espaços globais em sentidos que superam a tradição Norte-Sul, redesenhando-se em rotas Sul-Sul, Sul-Norte, e também em novas e imprevistas configurações e sentidos.) (Schmidt e Macedo 2019, p. 44)

Ainda sobre a prática do *Slam*, apoiados na perspectiva do discurso como ação (Moita Lopes, 2002), destacamos a importância não apenas dos significados construídos através do discurso, mas também dos diferentes meios usados pelos participantes para agir no mundo, por meio da sua performance e expressão. Isso significa que a análise dos elementos utilizados no *slam*, como a linguagem, gestos, entonação e emoções transmitidas durante a apresentação, é crucial para compreender como os participantes veem o mundo e a si mesmos. Nesse contexto, o *slam* produzido por mulheres se torna um espaço para que elas compartilhem suas vivências, lutas e resistências, utilizando a linguagem e a performance para agir no mundo, quebrar estereótipos e desafiar estruturas de poder opressivas. A partir e dentro da poesia e da palavra falada, essas artistas performam e produzem essa representação combatendo, ao revelar e denunciar ao público sobre as diferentes formas de racismo e sexismo que enfrentam, além de mostrar como essas questões se interseccionam, criando uma realidade de discriminação genderizada.

### 3.3 Linguística Aplicada e o conceito de Letramentos de Reexistência

Nos últimos anos, a análise aprofundada de tópicos como gênero, raça, classe e sexualidade têm sido uma prioridade nos estudos da Linguística Aplicada (LA) no Brasil, especialmente para dar conta da complexidade dos fatos envolvidos com a linguagem em sala de aula, conforme observado por Moita-Lopes (2006; 2013). Essas temáticas emergem como questões cruciais e urgentes para contemplar a influência das práticas linguísticas nas interações sociais, tanto em contextos educacionais formais quanto informais. A lógica da interdisciplinaridade dá a Linguística Aplicada a possibilidade de escapar de visões pré-estabelecidas e trazer à tona o que não é facilmente compreendido ou o que escapa às pesquisas de linguagem já traçadas, colocando o foco no que é marginalizado. Portanto, a LA a que nos referimos nessas reflexões alinha-se a uma agenda que se ocupa, nas suas pesquisas, em

criar inteligibilidades sobre a vida contemporânea ao produzir conhecimento e, ao mesmo tempo, colaborar para que se abram alternativas sociais com base nas e com as vozes dos que estão à margem: os pobres, os favelados, os negros, os indígenas, homens e mulheres homoeróticos, mulheres e homens em situação de dificuldades sociais e outros, ainda que eu os entenda como amálgamas identitários e não como forma essencializada” (Moita Lopes, 2006, p. 86).

É inegável que abordagens relacionadas a letramento (Soares, 2008), multiletramento (Rojo; Almeida, 2012) e até mesmo as discussões acerca dos letramentos sociais (Street, 2014) incorporam ao campo da Linguística Aplicada a crescente e desafiadora demanda pela transdisciplinaridade, ou Indisciplinaridade, antidisciplinaridade e transgressivo (Moita Lopes, 2006). Essa interseção das temáticas com a LA não apenas enriquece a compreensão das práticas linguísticas, mas também abre caminho para um entendimento mais profundo das dinâmicas sociais e estruturas de poder que moldam o uso e a interpretação da linguagem. Isso ressalta a relevância de dois princípios fundamentais: a crítica social e a interconexão com outros campos de conhecimento que vão além dos estudos linguísticos.

Mantendo firmemente a atenção voltada para as questões relacionadas às desigualdades sociais, políticas, étnicas e culturais das diversas comunidades de aprendizes de língua (Kleiman, Vianna, Grande, 2019), esses princípios se tornam cruciais. Para enfrentar esse desafio, Moita Lopes (2006) complementa que

Se desejamos entender a linguagem e sua interação com a vida social contemporânea, precisamos transcender o domínio exclusivo da linguagem: é

essencial mergulhar na sociologia, geografia, história, antropologia, psicologia cultural e social, entre outros campos. (Moita Lopes, 2006, p.96).

Nesse sentido, a abordagem intitulada como "LA INdisciplinar" emerge como um paradigma contemporâneo. Ao tensionar e entrelaçar diferentes campos, enquanto também gera suas próprias proposições, essa abordagem se posiciona como parte integrante da agenda de pesquisadores no campo (Moita Lopes, 2006; 2009; Cavalcanti, 2013; Moita Lopes & Fabricio 2019; (Kleiman, Vianna, Grande, 2019, entre outros).

A necessidade de (re)pensar uma Linguística Aplicada INdisciplinar surge da necessidade de utilizar uma área de pesquisa aplicada, na qual a investigação é fundamentalmente centrada no contexto aplicado onde as pessoas vivem e agem, deve considerar também a compreensão das mudanças relacionadas à vida sociocultural, política e histórica que elas experienciam, especialmente após os impactos que as ciências sociais e as humanidades causaram nas teorias. A *indisciplina*, portanto, causa desconforto e representa uma ameaça aos limites disciplinares, tomados como únicos, transparentes e imutáveis (Moita Lopes, 2006).

Essa abordagem considera que os sujeitos não vêm dissociados das questões de linguagem, então do mesmo modo que enxergamos os contextos sociais de forma ideológica, podemos compreender também a língua dessa maneira. Nesse sentido, "ao considerar a linguagem como a natureza social, ela se mostra produtiva para considerar as particularidades dos discursos em relação ao lugar e à posição que os sujeitos ocupam no quadro da dinâmica política e econômica." (Souza, 2011 p. 34).

Nesse sentido, ao falar de letramentos, nota-se o grande desafio atual para compreender as várias formas do uso da linguagem. Além disso, pode-se considerar que os letramentos estão em constante mudança, pois os sujeitos inseridos neles estão em constante processo de formação cultural. Ao ancorar-se nas raízes das matrizes africanas, os Letramentos de Reexistência (Souza, 2009; 2011) buscam revitalizar e fortalecer a identidade cultural desses grupos através do uso da linguagem, pois reconhecem a importância de contar histórias por meio da linguagem, recontando narrativas para contrapor a marginalização e as estruturas de poder que historicamente perpetuam desigualdades. Esse processo é uma forma de resistência cultural, onde a linguagem se torna um instrumento para lutar por uma educação inclusiva e equitativa, tanto nos ambientes formais quanto informais.

Os Letramentos de Reexistência se caracterizam como uma abordagem significativa, pois surge como resposta às desigualdades e marginalizações historicamente enfrentadas por grupos sociais, especialmente a população negra, no contexto brasileiro. Esse viés se encaixa no cenário de análise profunda de tópicos como gênero, raça, classe e sexualidade, que têm sido priorizados nos estudos de Linguística Aplicada (LA) no Brasil, tendo como principais autores (Moita Lopes 2006; 2009; Cavalcanti, 2013; Moita Lopes, 2019; Kleiman, Vianna, Grande, 2019, entre outros). Tais estudos incorporam a ideia de que a linguagem não é apenas uma ferramenta de comunicação, mas também um meio de resistência e reafirmação da identidade cultural. Essa abordagem reconhece que as práticas de letramento desenvolvidas fora do ambiente escolar são profundamente influenciadas pelas identidades sociais dos sujeitos envolvidos. Isso se torna particularmente importante quando consideramos a população negra no Brasil, que historicamente foi marginalizada e submetida a uma série de adversidades. É aí que a LA INdisciplinar se insere, percebendo a língua e a linguagem como intrinsecamente ligada à natureza social, permitindo-nos explorar as especificidades dos discursos em relação ao lugar e à posição que os sujeitos ocupam no âmbito das dinâmicas políticas e econômicas.

É importante considerar não apenas as práticas de letramento em si, mas também os fatores históricos, sociais e culturais que influenciam o acesso à educação e a formação de letramentos para a população negra no Brasil. Questões como discriminação racial, falta de representatividade e acesso limitado a recursos educacionais desempenham um papel crucial na formação dos letramentos e nas trajetórias pessoais de uso social da linguagem. Como já assinalado, falar em letramentos de reexistência implica considerar as práticas de letramentos desenvolvidas em âmbito não escolar, marcadas pelas identidades sociais dos sujeitos nelas envolvidos e, além disso, considerar os aspectos que influenciam o histórico do letramento da população negra no Brasil, que afetam as trajetórias pessoais de usos sociais da linguagem.

#### 4 METODOLOGIA

Esta pesquisa se apresenta como de caráter qualitativo, de cunho interpretativo. Estamos de acordo com a perspectiva de Minayo (2009), que argumenta que uma pesquisa de natureza qualitativa se concentra no reino dos significados, crenças, motivações, aspirações, atitudes e valores. Em outras palavras, esse tipo de pesquisa se preocupa com a descrição e interpretação da realidade social com base em dados interpretativos. Esclarecemos que esse conjunto de fenômenos humanos é considerado parte integrante da realidade social, uma vez que os seres humanos se destacam não apenas por suas ações, mas também por sua capacidade de refletir sobre o que fazem e interpretar suas ações no contexto da realidade que vivenciam e compartilham com seus semelhantes. O domínio da produção humana, que engloba relações, representações e intenções, é o foco da pesquisa qualitativa e dificilmente pode ser traduzido em termos de números e indicadores quantitativos (Minayo, 2009, p. 21).

A pesquisa se centrou na revisão bibliográfica interdisciplinar e análise documental, sendo o *corpus* da nossa pesquisa composto por transcrições de vídeos de batalhas de *SLAM* (campeonato de poesia autoral, falada e performada), realizados em diferentes estados do Brasil e publicados na plataforma *YouTube*. Para a seleção do *corpus*, foram usados os seguintes critérios: 1) *SLAMs* escritos, produzidos, realizados e declamado por mulheres negras brasileiras e 2) *SLAMs* que utilizaram, na sua composição, termos e recursos linguísticos que materializam práticas de reexistência por parte dessas mulheres negras, na medida em que esses critérios constituem-se como a problematização na performance delas do racismo genderizado conceituado por Kilomba (2019).

Inicialmente, foram selecionados *SLAMs* publicados na plataforma *YouTube*, que atendiam aos critérios de inclusão estabelecidos, ou seja, aqueles escritos e performados por mulheres negras brasileiras que utilizavam termos linguísticos que materializam práticas de reexistência. As composições selecionadas foram transcritas na íntegra. Durante esse processo, serão anotados os termos e recursos linguísticos de interesse, entre as gretas da Linguística Aplicada Indisciplinar (MOITA-LOPES, 2006) que incluem:

- **Nomeações, termos específicos e descritivos que abordam as**

**experiências das mulheres negras:** usado para identificar as nomeações e termos específicos que foram usados nas composições SLAM para abordar as experiências das mulheres negras a níveis sociais, econômicos e históricos. Em seguida, analisamos o contexto em que esses termos foram usados, em busca de verificar o significado e a carga emocional dessas palavras e como elas contribuem para a construção de identidades e narrativas, além de serem estratégias de reexistência;

- **Reapropriação de termos ofensivos:** Quando houve a reapropriação de termos ofensivos, analisamos como esses termos foram utilizados de maneira não convencional para desafiar estereótipos e preconceitos. Consideramos o impacto dessa reapropriação na desconstrução de narrativas negativas e na afirmação de identidade;
- **Perguntas retóricas e questionamentos:** Identificamos as perguntas retóricas e questionamentos presentes nas composições SLAM, analisando o propósito dessas perguntas, se foram utilizadas para provocar reflexão, engajar o público ou desafiar pressuposições. Consideramos como essas perguntas contribuíram para a construção do discurso poético;
- **Figuras de linguagem (metáfora, paralelismo, ironia, metonímia...):** Figuras de linguagem, como metáforas, paralelismos, ironia e metonímia, são usadas para produzir sentidos mais profundos e complexos. Examinamos como essas figuras de linguagem puderam criar imagens vívidas, estabelecer conexões simbólicas e intensificar a expressão poética.

Essas categorias foram aplicadas na análise dos vídeos que compõem o corpus, os quais podem ser vistos no quadro abaixo:

**Quadro 1** – Vídeos selecionados para análise

Título do vídeo	Link
VENCEDORA SLAM GRITO FILMES 2017 "GABZ"	<a href="https://youtu.be/kZhPvruoeFw?si=kZHkJEwrdfyx8cR1">https://youtu.be/kZhPvruoeFw?si=kZHkJEwrdfyx8cR1</a>

SLAM GRITO FILMES + SLAM RESISTÊNCIA "CIINDY CEMENTE - GRILO"	<a href="https://youtu.be/r-MJPCXGnic">https://youtu.be/r-MJPCXGnic</a>
SLAM DAS MINAS RJ - FINAL 2017 - Carol Dall Farras	<a href="https://youtu.be/DbQXy_jcCXE">https://youtu.be/DbQXy_jcCXE</a>
AMANDA ROSA (PÉROLA NEGRA) - SLAM RESISTÊNCIA - 04-04-2022 CONVIDA: JAGUARANA	<a href="https://youtu.be/FtsdHsfVtO4?list=PLT4rMzjXJGd_uvGZlnXhMxUKYk0TuwpRDZ">https://youtu.be/FtsdHsfVtO4?list=PLT4rMzjXJGd_uvGZlnXhMxUKYk0TuwpRDZ</a>

**Fonte:** elaborado pela autora

A unidade básica da análise realizada nesta pesquisa é a interação, uma vez que é por meio desta que o *SLAM* é composto, construído.. A premissa fundamental subjacente a esta análise residuiu na concepção do discurso como uma manifestação intrinsecamente social, isto é, uma perspectiva que encara o discurso como uma forma de participação coletiva na sociedade (Moita Lopes, 2002). As mulheres negras que desafiam o racismo de gênero através de suas performances dão vida a práticas de alfabetização de resistência, envolvendo a si mesmas e os outros em diálogos dentro de contextos culturais, históricos e institucionais específicos. Isso implica assumir que a alteridade e o contexto são elementos fundamentais para a compreensão da construção de significados na sociedade, uma vez que, conforme afirma Bakhtin (1981 *apud* Moita Lopes, 2002, p. 30), uma palavra, ao ser dirigida a um interlocutor, é função desse interlocutor.

Para a construção da reflexão, também foi importante compreender que o discurso, enquanto uma forma de co-participação social, também está relacionado com a importância da Lei nº 10.639/03, que reconhece que a educação é um espaço fundamental para promover a igualdade racial e de gênero. Sendo assim, o discurso é uma ferramenta poderosa para construir narrativas inclusivas e transformadoras. Dessa forma, situamos nossa discussão no campo da Linguística Aplicada Indisciplinar (Moita Lopes, 2006, 2010), um campo de estudos caracterizado como transdisciplinar (Celani, 1992) e transgressivo (Pennycook, 2006), na medida em que procura criticamente responder às complexas demandas da contemporaneidade (Freire, 2020), desafiando fronteiras disciplinares rigidamente impostas e enfrentando paradigmas há muito consagrados (Fabricio, 2006).

Diante do exposto, o objetivo dessa pesquisa é o processo de construção e materialização da identidade de mulheres negras em suas performances de *SLAM* na medida que 1) a tomamos como sujeitos que problematizam o racismo genderizado

que sofrem, utilizando de uma visão socioconstrucionista do discurso, 2) como esses significados constroem essa relação identitária e 3) qual seria o impacto disso na educação tomando por base a Lei nº 10.639/03. A partir dessas considerações buscaremos entender como a Lei contribui para esses espaços de fala, escuta e posicionamento formação dos sujeitos.

## 5 Letramentos de Reexistência da mulher negra *Slammer*

Vamos agora direcionar nossa atenção para o nosso primeiro vídeo, relacionado à competição "Slam Grito Filmes/2017" disponível no canal Slam Grito no YouTube (<https://youtu.be/kZhPvruoeFw?si=TRDTPAYlqF0rOiGT>). Este evento ocorreu na Praça Mauá, Rio de Janeiro, e destaca a participação de Gabrielly Nunes, também conhecida como Gabz, uma mulher negra e vencedora da competição. Optamos por escolher este vídeo devido à sua abordagem de temas e uso de expressões linguísticas que abertamente confrontam e denunciam a interseção entre racismo e sexismo, o que é definido por Grada Kilomba (2019) como racismo genderizado.

A seguir, o poema-slam de GABZ na íntegra:

### Quadro 2: *Slam* de GABZ

Se pelo menos eu soubesse  
 Meu verdadeiro sobrenome  
 Meu país  
 Minha terra  
 Ah, se eu soubesse já era  
 Se minha carne fosse vista diferente  
 Se seu olhar fosse mais inocente  
 Se eu não tivesse que ser forte  
 Nem dependesse da sorte  
 Se antes do diabo que me pintam por ser o que sou  
 Ou da deusa que cultivam pelo mesmo motivo  
 Eu fosse pessoa, PESSOA antes de mulata  
 E se eu não tivesse que falar na lata?  
 E se eu não tivesse que gritar?  
 Ainda ia ter graça me ver sangrar?  
 E se eu quisesse me vingar ?  
 Ou ces acha que nós não lembrava  
 Do estupro, da escrava  
 Que ces ainda comemoram a ação  
 Porque o resultado: A linda miscigenação  
 Ou ces acha que nós esquece  
 A tragédia dos mec mec  
 Que termina lá no cytotec  
 Sim, aborto  
 A pergunta agora é se o feto era vivo ou morto  
 E ela?  
 Crucificada aos 16  
 Sem a ajuda de nenhum de vocês  
 Sozinha, pedindo aos céus ajuda de mainha  
 Mas aqui só tinha inferno e o julgamento é eterno  
 Se não vai pra prisão, pode ir pro valão  
 Taxada de puta na televisão  
 Pra nós ninguém reserva oração  
 Tudo preto, sem bandeira branca na trama  
 Cê já sentiu negra drama?

Ou tu só respeita se for da família?  
 Pede bênção pra mãe e não assume a filha  
 É que cês não gosta de mulher, cês gosta é de buceta. De preferência branca, mas com bunda de preta  
 Até serve comer mulata, mas se for a que te acata  
 E os mano sempre diz que são todo errado, e aí quer pagar de aliado, mas cês tem que entender nosso lado, nós não atura papo de mandado  
 Porque o papo não faz curva, aqui o papo é reto  
 Cê vai se arrepender de me fazer de objeto  
 Eu não tô aqui pra fazer seu membro ficar ereto  
 Não se esqueça, aqui é muita treta  
 Se teu pau é ku klux Klan minha buceta é pantera negra  
 É que eu não aguento mais, será que algum dia tem paz? Ou será sempre mais um ...  
 No cais sinto o horror, do Valongo Quilombo dor é o Congo do meu horror  
 Mas você não me parou  
 Os morto na matéria, mas vivo na memória  
 Eu canto aqui é pra lembrar essas história  
 Em meio ao caos nós vai encontrar a glória  
 Em meio a tanta luta nós vai chegar na vitória  
 É que eu tenho minha raiz, minha base pra ser feliz  
 Eu invado, eu não me encaixo  
 E você ainda se acha muito macho?  
 Mas nunca viu rastro de cobra, nem couro de lobisomem. Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come  
 O que eu passei na vida ces não sabe como é, pra viver na minha pele neguin, tem que ser muito, "mar" muito mulher

**Fonte:** Transcrito pela autora

Na análise da composição *Slam* sob a perspectiva da Linguística Aplicada INdisciplinar, vários recursos linguísticos foram mobilizados para produzirem discursivamente efeitos sociais e sentidos relacionados ao racismo genderizado e à experiência e reexistência das mulheres negras. O poema explora a identidade racial e de gênero da autora, destacando as complexidades e desafios enfrentados por mulheres negras em uma sociedade racista e sexista. Percebe-se presença de termos específicos e descritivos para abordar as experiências das mulheres negras, sendo eles "mulata", "mainha", "buceta", "estupro", "escrava", "inferno", "julgamento eterno", "miscigenação", "pantera negra" e "ku klux Klan" (Cf. Quadro 2). A reapropriação de termos ofensivos, como "minha buceta é pantera negra", pode ser vista como uma estratégia linguística para subverter o uso pejorativo dessas palavras, empoderando-as e dando-lhes um novo significado dentro do contexto da luta contra o racismo e o sexismo. Não só isso, mas "seu pau é ku klux Klan" e "minha buceta é pantera negra" perfomam a ideia de resistência e enfrentamento perante

discriminações aludindo a referências históricas que marcaram a história do povo negro em contexto mundial<sup>5</sup>.

Na poesia *slam*, não há preocupação em amenizar a realidade com termos suavizados. Portanto, tal ato pode ser considerado uma estratégia de Letramento de Reexistência ao fazer uso de linguagem direta, como "pênis" sendo chamado de "pau" e "vagina" de "buceta," empregados para denunciar o estupro de forma contundente. Nesse contexto, ao comparar o órgão sexual masculino (chamado de "pau" na linguagem do *slam*) à *Ku Klux Klan*, isso evoca a ideia de violência e opressão racial associada a abusos sexuais. Por outro lado, a comparação do órgão sexual feminino ao partido político dos Panteras Negras serve como um contra-ataque, destacando o poder de resistência e empoderamento em meio à luta histórica por igualdade racial.

O mesmo acontece em: "É que cês não gosta de mulher, cês gosta é de buceta. De preferência branca, mas com bunda de preta / Até serve comer mulata, mas se for a que te acata". Lélia Gonzalez, em sua obra, *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano*, o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Para Gonzalez (2020, 14-5), essa *neurose* tem efeitos sobre a mulher negra e as noções de "mulata", "puta", e "objeto" (sexual) utilizadas no *Slam* acima remetem aos preconceitos e os mitos relativos à mulher negra: de que ela é "mulher fácil", de que é "boa de cama", o que constitui o "mito da mulata". E isso é resultado do fato de que "o grande contingente de brasileiros mestiços resultou de estupro, de violentação, de manipulação sexual da escrava" (Gonzalez, 2020, p.14-5).

Gabrielly faz o uso de perguntas desafiadoras e perguntas retóricas que "atacam" e/ou provocam o leitor ou ouvinte a considerar as experiências e perspectivas das mulheres negras, convidando-os a questionar normas sociais e preconceitos. Como pode ser visto nos versos: "E se eu quisesse me vingar?", "Ainda ia ter graça me ver sangrar?", "E você ainda se acha muito macho?". Essa ideia encontra respaldo nas análises de Frantz Fanon (1968), pois ele propõe um plano de descolonização que envolve confrontar a superioridade branca hegemônica por meio da retaliação, inclusive com violência. Isso se deve ao fato de que, para reverter essa opressão, é necessário travar um "combate decisivo e mortal entre dois protagonistas

---

<sup>5</sup> O Ku Klux Klan é uma organização supremacista branca nos EUA, conhecida por violência racial e ódio. Já o Partido Pantera Negra foi um grupo ativista afro-americano que lutou por igualdade e contra a discriminação no final dos anos 1960, usando métodos políticos e sociais. Ambos são símbolos opostos na história racial americana. (Cf. Xavier et al (2019)).

[...] [fazendo uso de] todos os meios, inclusive a violência, evidentemente” (FANON, 1968, p. 27, grifo nosso).

Ademais, a composição utiliza contrastes e paralelismos para destacar diferenças sociais e percepções. Em "Antes do diabo" (oposição negativa) e "deusa" (oposição positiva) a antítese contrasta a conotação negativa associada ao "diabo" com a conotação positiva de "deusa", destacando uma oposição de significados. Há paralelismo em "Preto, sem bandeira branca", onde a estrutura e o formato das expressões "preto" e "sem bandeira branca", acabam criando um padrão rítmico e estilístico na frase. Essas estruturas enfatizam a complexidade das experiências das mulheres negras e as contradições da sociedade.

A segunda transcrição é da declamação de “Grilo”, ou Ciindy Cemente, também realizada na Praça Mauá e disponível no canal Slam Grito no YouTube (<https://youtu.be/r-MJPCXGnic?si=EWOjvJzEDVpFFd8w>), pode ser conferida abaixo:

### Quadro 3: Slam de Grilo

Toquei nos seus privilégios e tu não gostou  
mal leva a mesa a sério e agora eu mostro quem criou.  
Fala pra mim, o que quer da vida?  
uma privilegiada com coroa de flores e filha de Frida?  
"aaah sofrida"  
Branca? com que importa a cor,  
se faz duas faculdades e vai tirar mais cedo do que eu o título de doutor.  
iii tu acha que me atinge, o gosto que não se distingue?  
Cirilo, escuta aqui, não vou mais deixar você me preferir,  
reclamando do quê e como eu devo sentir o prazer,  
enquanto a outra serve de lazer.  
Fala pra mim o que eu fiz, vasculhei provas como um cão atrás de drogas.  
Fala pra mim, o que queria que eu fizesse?  
Fechasse meus olhos e fingisse que me trata diferente assim tão de repente?!  
Fala pra mim, a sua preferência por sinhá,  
é auto ódio, construção, ou socialização?  
Fala pra mim, o tratamento é mesmo pras brancas  
ou pras pretas que também banca?  
Vou comprar tinta suvinil de porta,  
tinta branca no meu corpo e tinha rosa na minha xota,  
vou comprar uma full lace no aliexpress,  
e de cabelo liso tenho ele aos meus pés,  
vou falar baixinho todas as manhãs,  
te chamar de moreninho tipo mallu magalhães,  
de riso frouxo, batom vermelho porque de feminismo branco esse boy, já tá cheio.  
Fala pra mim, se tu prefere espanhol, inglês,  
a tua presença japonês já sei,  
te coloquei dentro da militância  
e no final das contas tu valoriza a mina branca.  
Fala pra mim se tu prefere espanhol, francês...  
Se quiser, aprender a falar japonês.  
Te coloquei dentro da militância,  
e no final das contas tu valoriza mina branca,

vou passar tinta do suvinil de porta.  
Tinta branca no meu corpo e tinta rosa na minha xota!

**Fonte:** Transcrito pela autora

Neste texto, é perceptível a utilização de recursos linguísticos que denunciam e criticam principalmente o fenômeno conhecido como "feminismo branco"<sup>6</sup>. A composição inicia com uma abordagem direta ao desconforto ligado ao privilégio: "Toquei nos seus privilégios e você não gostou." Essa abordagem frontal, por meio de questionamento, destaca a defensividade que surge quando se discute privilégios. O uso de termos como "privilegiada", "filha de Frida", "branca", "sinhá" e "mina branca" atua como nomeações e designações para realçar a identidade e a posição social das pessoas envolvidas, evidenciando as dinâmicas de poder subjacentes. As rimas também incorporam ironia, como pode ser observado nas expressões "aaah sofrida" e "iiih, você acha que me atinge, o gosto que não se distingue?". Essa ironia é utilizada para expor a hipocrisia nas atitudes e percepções, enquanto debocha da discrepância e distanciamento entre as agendas das mulheres brancas e negras, que tem como resultado a tentativa de invisibilização e o silenciamento de mulheres *negras* dentro do projeto feminista global (Kilomba, 2019).

Adicionalmente, a ênfase nas oportunidades e conquistas educacionais é usada para sublinhar a disparidade no acesso à educação, como quando se menciona que alguém "faz duas faculdades e vai tirar o título de doutor mais cedo do que eu". Visto que "os jovens negros se revoltam contra falta de oportunidades e os estereótipos e as jovens negras estão, na sua maioria em trabalho doméstico, prostituição e na profissão de *mulata*." (Gonzalez, 2020, p. 46). Ou seja, Grilo externa esse sentido de que a juventude negra, com divisão racial do trabalho, é a mais atingida pelo desemprego aberto ou disfarçado.

Em geral, é visível que as composições utilizam uma variedade de recursos linguísticos para denunciar e enfrentar o racismo genderizado, destacando as experiências, as lutas e as injustiças enfrentadas pelas mulheres negras na sociedade. As *Slammers* negras se baseiam em narrativas pessoais e sociais para sensibilizar o

---

<sup>6</sup> Refere-se a perspectiva branca que domina o discurso feminista atual e raramente questiona se as perspectivas sobre a realidade da mulher (branca) se aplica às experiências de vida das mulheres como coletivo. (Cf. Kilomba, 2019)

público sobre a importância de combater o racismo sistêmico e reexistir perante as discriminações.

A declamação de Carol Dall Farras para o SLAM das Minas no Rio de Janeiro durante a final de 2017 ([https://youtu.be/DbQXy\\_jcCXE?list=PLT4rMzjXJGduvGZInXhMxUKYk0TuwpRDZ](https://youtu.be/DbQXy_jcCXE?list=PLT4rMzjXJGduvGZInXhMxUKYk0TuwpRDZ)), corrobora com esse pensamento, ao colocar em foco a figura da mãe preta para denunciar o racismo e a pressão social que afeta especificamente as mulheres negras, evidenciando as múltiplas formas de opressão que elas enfrentam devido à intersecção de raça e gênero:

**Quadro 4:** *Slam* de Carol Dall Farras

Na ponta do abismo lá vai a mãe preta  
 Aguenta o infinito num corpo  
 que o grito socorro acusa suspeito  
 não chora nem fala das mortes diárias  
 pariu cinco vezes sem anestesia com falas no ouvido:  
 - preta é firme!  
 Teu corpo foi alvo da falta de amor  
 teu peito batuca a dor de um dos filhos que ontem dormiu  
 quando na escura da noite um corpo fardado mirou sem certeza  
 por causa da cor  
 Mas preto é forte, sempre ouvi falar...  
 Mãe preta resiste  
 desde que não sabia o que era existir  
 Mãe preta teve teus calos calejados pela falta de arrego  
 dos atrasos da história que traçaram teu destino  
 Mãe preta  
 que pariu no reboliço  
 e trouxe com muito ofício  
 outra preta que não sorriu  
 filha de Preta!  
 Que com a vida já traçada  
 me desfiz de tanta tralha  
 com grito de cansaço  
 entalado na garganta  
 e os bicos de diarista  
 entalado na minha herança  
 vi o mundo cortar com a foíce  
 minha passagem pela infância  
 os homens que me olhavam  
 revestidos de ganância  
 e pra eles não importa  
 se trata-se de uma criança  
 de hiperssexualizar o hobby da vizinhança  
 dedos te apontaram ontem  
 hoje o cano te aponta  
 amanhã outro julgamento  
 julgando que se aguenta  
 tua cabeça um reboliço  
 teu corpo cumpriu caprichos

tua mãe também passou por isso  
 e todas da tua família  
 tua avó bem que dizia:  
 - é uma praga feito sentença  
 eles dizem que a gente aguenta  
 mas vejo uma morte lenta  
 e pra cada abuso novo  
 um branco te orienta:  
 - negra é forte, negra aguenta  
 tua vida nunca passou disso  
 nunca fugiu da sentença  
 com a força dos ancestrais  
 internalizou que aguenta  
 imaginou o chicote lento  
 na vértebra de um branco  
 e viu que a força é um detalhe  
 pra quem vive resistência

**Fonte:** Transcrito pela autora

Vê-se o alto uso de figuras de linguagem para produzir sentido. A primeira frase "Na ponta do abismo lá vai a mãe preta" (Cf. quadro 4) sugere, com uso de metáfora e simbolismo, a ideia de que as mães negras enfrentam desafios profundos e perigosos. O uso de metonímia em "teu peito batuca a dor de um dos filhos que ontem dormiu," representa a dor que as mães negras sentem pela violência contra seus filhos e cria uma imagem visceral da maternidade e do sofrimento. A união de sensações diferentes é sugerida pela combinação de "teu peito batuca", onde o sentido do tato (batucar) é associado ao órgão do corpo (peito), gerando sinestesia, uma imagem sensorial e expressiva.

A maternidade para as mulheres negras está intrinsecamente ligada à (re)existência, pois historicamente no Brasil, foi imposta às mulheres negras a categoria de mãe para servir aos interesses da sociedade patriarcal branca. Esse papel implicava em domesticidade, exploração da fertilidade, trabalho e lactação, sustentando os interesses da Igreja, Estado e Família branca colonial. (Pacheco, 2015; Munanga, 2004). Essa imposição ocorria principalmente através das mulheres negras escravizadas, onde ideologias raciais eram utilizadas como mecanismos de controle, contradizendo a noção de democracia racial. A suposta miscigenação era na verdade resultado de violência física, sexual e psicológica, perpetuada pelo sistema escravista. (Gonzalez, 1979; Giacomini, 1988; Pacheco, 2015).

A partir das complexas e multifacetadas batalhas enfrentadas pelas mulheres negras, a prática da maternidade e da maternagem emerge como um ato de resistência e luta. O processo escravista buscou desumanizar essas mulheres,

violando-as, explorando seus corpos e afastando-as do controle sobre a maternidade. Nesse sentido, a composição mostra que, enquanto mulheres-negras-mães os aspectos históricos que reverberam sobre os corpos das mulheres negras são usados como meio de projetar na encruzilhada histórica possibilidades de (re)existir sobre o porvir.

A expressão “preta é firme!” questiona a ideia da força das mulheres negras e suas habilidades “natas” de serem mães. A frase sintetiza o mito da mulher negra prestadora de serviço (Kilomba, 2019) que perdura até hoje e que tem um cruel disfarce de exaltação de mulheres negras, mas acaba por oprimi-las ainda mais. Cria-se a ideia de que a opressão que elas enfrentam é contornável, minimizando, assim, o impacto dessa opressão e da violência contra o corpo negro. hooks (2019, p. 21) nos faz perceber que essa é uma visão desumanizadora da mulher negra, apenas uma fantasia colonial de força e uma imagem de “supermulher” que não promove nenhuma transformação na realidade dessas mulheres.

O poema de Amanda Rosa, conhecida como Peróla Negra (<https://youtu.be/FtsdHsfvtO4?list=PLT4rMziXJGduvGZInXhMxUKYk0TuwpRDZ>) também lança luz sobre a pressão sobre as mulheres negras para serem excepcionais em tudo o que fazem, devido à discriminação racial e de gênero:

**Quadro 5:** *Slam* de Amanda Rosa

Se é difícil ser mulher na sociedade,  
 imagina ser mulher preta, independente do seu traje,  
 cê vai ser coroada rainha da treta,  
 cê vai carregar o mundo nas costas e no Canguru,  
 filho de uma Madame, mas não pode ficar doente ou ter dor  
 que eles não vão te liberar nem para exames, meu amor,  
 você será preferida, quase indigna de ser amada na cama,  
 será a melhor, mas nunca para andar de mãos dadas  
 Até haverá quem queira pegar na mão, mas você tem que ser perfeita,  
 seu esforço terá de ser maior do que outra sujeita  
 Além de sua casa mais barata, você sempre será melhor na faxina,  
 prefere te dar o rodo e o pano, porque se der a caneta sai rima  
 você é boa em qualquer coisa, Darwin te daria como exemplo de adaptação,  
 mas o medo de você ser a melhor faz com que prefira que limpa o chão,  
 você parada será barraqueira, a que aguenta sempre tudo  
 poderia ter essa alma livre e esse sorriso vão achar que seu sofrimento é absurdo.  
 Aliás, nem vão notar seu sorriso, só o traje pra ver se tá a caráter  
 você sempre será a suspeita se entrar numa loja de black  
 acham até que levou uma caneta  
 será porta voz das amigas brancas para paquerar a galera,  
 mas o travesseiro é testemunha que aquele dia para você já era,  
 na maioria das vezes criará seu filho sozinha  
 pai ausente cuzão presença de mãe é avó e madrinha

a mais forte entre as amigas, a que aguenta sempre tudo,  
 mas ninguém oferecerá um abraço pois você não tem dia de luto  
 a liderança que você terá quase nunca será benéfica  
 feminicídio, estupro, assédio  
 é coisa de gente maléfica,  
 a culpa será sempre sua não importa qual seja o tema,  
 se não fosse tão óbvio seria difícil, mas tá fácil esse poema  
 talvez seja fácil pra quem esteja ouvindo  
 por aqui só cabe dor  
 ser narrador-personagem é uma bosta, as vezes é difícil falar de amor  
 parece só ter coisa ruim, mas se engana quem pensa assim  
 trago as forças de minhas ancestrais, o que diz muito de mim,  
 agradeço a mamãe lemanjá qualquer conquista será recompensada  
 gratidão às minhas pretas por mostrar que sou amada,  
 tempos antes de vocês eu detestava meu cabelo, logo após a transição  
 é que me veio o atropelo  
 Poxa, meu cabelo é lindo e minha pele reluz como a noite,  
 finalmente o amor próprio, nunca mais aquele açoite,  
 grata os ensinamentos de França e Silva, a força visceral de Ju Rosa,  
 a palavra inspiradora de Sancofa, tudo está no processo de Amanda Rosa  
 Maria, Teresa, Esmeraldas, mulheres que me deixaram  
 a força de herança, obrigado pelo dom da escrita,  
 por manter viva a esperança

**Fonte:** Transcrito pela autora

Em termos de recursos da língua, o poema utiliza metáforas e ironias para destacar a absurdez das expectativas e estereótipos impostos às mulheres negras. A rima e o ritmo criam um fluxo contínuo de palavras, tornando o discurso mais envolvente e impactante. Nomes de mulheres negras são citados ao longo do poema, evidenciando a força e a inspiração que emanam dessas personalidades. Destacamos, aqui, que uma das características mais distintivas da literatura afrofeminina é seu caráter memorialista, entrelaçado com outras vozes negras, tornando-se, portanto, polifônica. Essas mulheres resistiram com toda a sua força para tentar transformar a realidade daquelas que estavam por vir. Estas, por sua vez, não deixam de honrar suas guerreiras ancestrais, convocando-as para a arena do slam, onde podem canalizar suas energias na forma de memória e coletivamente produzir o discurso e o chamado: sejamos reexistência.

A ideia de que “seu esforço terá de ser maior do que outra sujeita” (Cf. quadro 5) revela uma realidade na qual essas mulheres são forçadas a superar obstáculos desproporcionais. Essa composição põe em cheque, ainda, outra fantasia colonial que exemplifica como as construções de gênero e raça interagem: a mulher negra serviçal, ao recitar que ‘você [mulher negra] sempre será melhor na faxina’. Bom, Grada Kilomba (2019) diz que a maioria das experiências pessoais das mulheres negras com

o racismo são formas de racismo de gênero. Kilomba destaca que o racismo de gênero é uma manifestação complexa em que as mulheres negras são submetidas a estereótipos e expectativas que se entrelaçam, resultando em discriminação tanto por sua raça quanto por seu gênero. A afirmação de que a mulher negra é 'melhor na faxina' reflete essa interseção prejudicial, onde estereótipos raciais e de gênero se amalgamam para subordinar e limitar as oportunidades das mulheres negras.

Ademais, a composição aborda a solidão na maternidade das mulheres negras, enfocando a ausência dos pais e destacando as lutas específicas enfrentadas por essas mulheres na criação de seus filhos, sendo esta mais uma desigualdade enfrentadas por elas.

No entanto, a composição não termina em desespero. Ela conclui com uma virada positiva, enfocando a reconquista da identidade e do amor próprio das mulheres negras em relação a seu cabelo e sua pele. Isso demonstra resiliência e resistência, além de celebrar a força encontrada na comunidade e na herança cultural. É crucial destacar que essas expressões artísticas são fundamentais para desafiar a visão estereotipada e limitada que muitas vezes é imposta às mulheres negras, relegando-as apenas ao papel de vítimas de discriminação. Através da poesia e da reapropriação linguística, elas não são mais reduzidas a narrativas de sofrimento, mas se tornam agentes ativos de transformação e resistência. Essas obras proporcionam uma plataforma para que as mulheres negras compartilhem suas histórias, celebrando sua identidade e orgulho, e desafiando o racismo estrutural que tenta confiná-las a um papel de submissão. Dessa forma, contribuem para um discurso mais inclusivo e abrangente, que reconhece a complexidade e a diversidade das experiências das mulheres negras.

Por fim, destacamos o potencial de transformação do *Slam*, enquanto gênero oral contemporâneo que faz ecoar vozes historicamente estigmatizadas. A análise dos dados revela a importância do *slam* como uma forma de expressão artística e social que confronta questões complexas relacionadas ao racismo e ao sexismo. Essas composições poéticas desafiam normas sociais, questionam estereótipos e destacam as experiências das mulheres negras de forma enfrentativa.

## 5.1 Alguns apontamentos pedagógicos

Ao explorar o impacto na sala de aula, com base na Lei nº 10.639/03, percebemos que o *slam* pode ser usado como uma ferramenta pedagógica, uma vez que pode levar os alunos a ampliar suas capacidades de compreensão acerca das questões raciais e de gênero.

Considerando que "através da linguagem são tanto (re)afirmadas como negociadas as múltiplas identidades" (Baptista, 2019, p. 123), é fundamental refletir sobre nossa postura enquanto educadores de línguas. A análise do nosso conjunto de textos, especialmente após assistir às competições de poesia falada selecionadas, evidencia a potencial interdisciplinar dessas atividades, envolvendo não apenas os professores de línguas, como poderia inicialmente supor-se, mas mobilizando toda a comunidade escolar. O que mais impressiona é a quantidade significativa de alunos motivados a escrever, recitar e ouvir poesias que instigam debates sobre questões atuais e os inquietam (Neves, 2021) Isso nos leva a afirmar que o *Slam* tem se revelado um poderoso aliado no processo de formação cidadã nas instituições em que ocorre, além de apresentar um vasto potencial para explorar recursos linguísticos, como argumentado por Neves (2021).

[b]asta ler ou escutar alguns poemas-slams nos eventos de slams escolares para ficarmos logo impressionados com a qualidade dos textos dos estudantes-slammers, seja na criação de neologismos, no uso de anáforas, aliterações, onomatopeias, metáforas; seja na alternância de maiúsculas ou minúsculas para marcar o tom de voz. (Neves, 2021, p. 83)

No âmbito das pesquisas em Linguística Aplicada, isso justifica a necessidade de considerá-la como um "espaço de desaprendizagem" (Fabricio, 2006), fundamentado nas perspectivas INdisciplinares, interdisciplinares e, incluímos aqui, decoloniais, para orientar nosso olhar sobre o ensino de línguas. Ao analisar as composições, como aquelas nos Quadros 2 a 5, os estudantes têm a oportunidade de explorar a diversidade linguística presente nas expressões culturais afro-brasileiras, além dos recursos linguísticos utilizados nas composições, como metáforas, ironia, figuras de linguagem e ritmo. Paralelamente, os jovens negros, que carregam consigo uma memória marcada por séculos de repressão e escravidão mesmo no período pós-abolição, se sentem encorajados a denunciar, propor e construir conhecimento, seja por meio de batalhas ou declamações individuais. Ademais, ao estudar os eventos e contextos sociais mencionados nas composições, o entendimento dos alunos sobre as referências culturais e históricas presentes é aprofundado.

Vale ressaltar que, por mais que a Lei n. 10.639 tenha contribuído em avanços em

relação ao ensino das histórias e culturas africanas e afro-brasileiras, a escola brasileira ainda demonstra um apego significativo ao cânone estabelecido, que é majoritariamente influenciado pela branquitude e suas perspectivas. É imperativo reconhecer que a literatura e as expressões artísticas de origem marginal, muitas vezes oriundas de comunidades historicamente marginalizadas, apresentam um potencial pedagógico significativo.

Dentre essas manifestações, o *slam* se destaca como um gênero literário que pode ser poderosamente empregado no contexto educacional. Entendemos que, da mesma forma que utilizamos o cânone para estudar recursos linguísticos, podemos também empregar um gênero marginalizado, como o *slam*, para essa finalidade. Assim como recorremos a Camões para estudar metáfora ou Gregório de Matos para antítese, por que não fazer o mesmo com uma composição de *slam*?

O gênero *Slam*, por sua vez, demonstra a capacidade de cativar os alunos através de sua linguagem descontraída e desconstruída, ao mesmo tempo que mantém sua elaboração e riqueza em recursos linguísticos, como devidamente evidenciado em nossa análise. Além disso, o *slam* aborda realidades muito mais próximas da vivência dos estudantes da escola pública, majoritariamente constituída por jovens negros provenientes de comunidades periféricas<sup>7</sup>. Paulo Freire (1967), já advogava que a educação verdadeiramente transformadora deve reconhecer e valorizar as vivências e realidades dos estudantes, possibilitando assim uma aprendizagem genuinamente significativa, emancipatória e, acima de tudo, libertadora. A Lei n. 10.639 representa um marco legislativo crucial, mas sua implementação efetiva e sua realização plena requerem uma ruptura mais profunda com o cânone arraigado, abraçando e promovendo ativamente a literatura e as formas de expressão marginalizadas, ancoradas nas ricas heranças culturais e históricas das comunidades afrodescendentes e marginalizadas.

Ademais, a valorização da expressão artística por meio do *slam* oferece um espaço seguro e empoderador para as meninas *negras* expressarem suas vivências e denunciarem o racismo genderizado. Ao verem outras mulheres negras compartilhando suas histórias e enfrentando questões sociais através da poesia, as jovens encontram modelos inspiradores e podem se sentir mais confiantes para também compartilhar suas experiências. Além disso, ao participar ativamente desse

---

<sup>7</sup> Cf. [http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/historia\\_educacao\\_negro.pdf](http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/historia_educacao_negro.pdf)

movimento cultural e artístico, as meninas negras se fortalecem, desenvolvendo habilidades comunicativas e de expressão que são fundamentais para abordar e denunciar situações de racismo genderizado. Elas se tornam agentes de mudança, capazes de amplificar suas vozes, reexistir e conscientizar a sociedade sobre as injustiças que enfrentam.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos dados apresentados neste estudo revela a profunda importância das composições de *Slam* como ferramentas de denúncia e reexistência ao racismo genderizado e às opressões enfrentadas pelas mulheres negras. Ao examinar essas expressões artísticas e linguísticas, pudemos identificar a força transformadora que o *slam* representa no cenário contemporâneo.

A reapropriação de termos ofensivos e a utilização de figuras de linguagem são estratégias poderosas para subverter o uso pejorativo dessas palavras, empoderando-as e atribuindo-lhes novos significados no contexto da luta contra o racismo e o sexismo. As poesias fazem uso de perguntas desafiadoras e retóricas para provocar o leitor a refletir sobre as experiências e perspectivas das mulheres negras, convidando-os a questionar normas sociais e preconceitos. Através do uso criativo da linguagem, das metáforas, da ironia e outros recursos linguísticos, esses poemas não apenas desafiam normas sociais profundamente arraigadas, mas também convidam o público a refletir sobre as experiências e perspectivas das mulheres negras que enfrentam o racismo genderizado e reexistem perante ele, desafiando preconceitos e estereótipos. Eles proporcionam um espaço onde vozes historicamente estigmatizadas podem ser ouvidas, celebrando ao mesmo tempo a resiliência e a riqueza da cultura afro-brasileira.

Essas composições poéticas não amenizam a realidade, utilizando uma linguagem direta e impactante para abordar temas como estupro, escravidão, discriminação e violência. Elas exploram a identidade racial e de gênero, destacando as complexidades e desafios enfrentados pelas mulheres negras, e também celebram a força e a resistência dessas mulheres diante das adversidades.

No contexto pedagógico, o *Slam* pode ser uma ferramenta valiosa para abordar, além dos mencionados aspectos linguísticos, questões de raça e gênero, ampliando a

compreensão dos alunos sobre esses temas, como proposto pela Lei n. 10.639, que determina a inclusão da história e cultura afro-brasileira e africana no currículo escolar. O uso do *Slam* na sala de aula pode promover a reflexão crítica, estimular a criatividade e o engajamento dos alunos, além de fomentar o diálogo e a sensibilização para a diversidade e a equidade.

É fundamental reconhecer o potencial transformador do *Slam* como um gênero oral contemporâneo que amplifica vozes historicamente marginalizadas. Os educadores de línguas devem considerar o *Slam* como uma ferramenta INdisciplinar e intercultural, incentivando os alunos a se expressarem, refletirem sobre as desigualdades sociais e a promoverem a mudança em suas comunidades. Dessa forma, contribuem para a quebra do estigma que limita as mulheres negras à narrativa de sofrimento, permitindo que sejam vistas como agentes de mudança e empoderamento.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Sociologia**. 2007.
- AMÂNCIO, Isis Maria da Costa; GOMES, Nilma Lino; JORGE, Miriam Lúcia dos Santos. **Literaturas africanas e afro-brasileiras na prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- ARAUJO, Pâmela. Entrevista sobre: Slam das Minas: mulheres na batalha poética. ENTREVISTADOR: ALMEIDA, Marina. **Escrevendo o Futuro**, 07 dez. 2017. Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/blog/literatura-em-movimento/slam-das-minas/>. Acesso em: 07 ago. 2023.
- BAZERMAN, Charles. **Gênero, agência e escrita**. São Paulo: Cortez, 2006
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular–BNCC**. Brasília/DF, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei n. 10.639 de 09 de janeiro de 2003**. Altera a Lei n. 9.394 de 20 de Dezembro de 1996, que Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para Incluir no Currículo Oficial da Rede de Ensino a Obrigatoriedade da Temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e Dá Outras Providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003.
- BONFIM, Marco. Linguística aplicada e o lugar da educação antirracista no ensino de língua portuguesa: Decolonialidade em perspectiva negra. *In*: SIBALDO, Marcelo. (org.). **Ensino de Línguas: Propostas e relatos de experiência**. Recife: Blücher, 2023. p. 39-61. Disponível em: <<https://pdf.blucher.com.br/openaccess/9786555501995/completo.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2023.
- CARVALHO, R. S.; FERRAREZI JR., C. **Oralidade na Educação Básica - o que saber, como ensinar**. São Paulo, Parábola, 2018
- CAVALCANTI, M. Educação linguística na formação de professores de línguas. *In*: MOITA LOPES, L.P.(org.). **Linguística Aplicada na modernidade recente**. São Paulo: Parábola, 2013.
- CELANI, Maria Aparecida A. Afinal, o que é Linguística Aplicada? *In*: PASCHOAL, Maria da Graça Krieger; CELANI, Maria Aparecida A. (org). **Linguística Aplicada: da aplicação da linguística à linguística transdisciplinar**. São Paulo: EDUC, 1992.
- CÉSAIRE, Aimé et al. **Cahier d'un retour au pays natal**. Paris: Bordas, 1947.
- COSTA, Warley da. A escrita escolar da História da África e dos afro-brasileiros: entre leis e resoluções. *In*: PEREIRA, Amílcar Araujo; MONTEIRO, Ana Maria(Org.). **Ensino de História e Culturas e Índigenas**. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.
- D'ALVA, Roberta Estrela. **Teatro Hip-hop: a performance poética do ator-MC**. 1 ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

- D'ALVA, Roberta Estrela. SLAM: voz de levante. **Rebento**, n. 10, p. 268-286, 2019.
- DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros Orais e Escritos na Escola**. Tradução e organização: Roxane Rojo e Glais Sales, - Campinas, SP. Mercado das Letras, 2004.
- DOMINGUES, Petrônio. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 23, out/dez, 2007.
- FABRÍCIO, Bruno Ferreira. Linguística Aplicada como espaço de desaprendizagem: redes-crições em curso. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo (org.). **Por uma Linguística Aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. 1ª ed. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FREIRE, Maria. Linguística Aplicada, complexidade e transdisciplinaridade: tecendo redes de sentido e articulando saberes. **Educação & Linguagem**, v. 23, n. 1, p. 245-261, 2020.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. 42º ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- GIACOMINI, Sonia Maria. Ser escrava no Brasil. **Estudos Afro-Asiáticos**, v. 15, p. 145-169, 1988.
- GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: **Educação anti-racista: Caminhos Abertos pela lei 10.639**. – Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo-afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. In: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (orgs.). Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- HOOKS, bell. **E eu não sou uma mulher?** Mulheres negras e feminismo. Trad. Bhuvi Libanio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.
- HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade / bell hooks** tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 1ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, p. 223- 233, 2013.
- KILOMBA, Grada. **Memórias de Plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- KLEIMAN, A.; VIANNA, C.; GRANDE, P.B. de. A Linguística Aplicada na contemporaneidade: uma narrativa de continuidades na transformação. **Revista Calidoscópico**, v. 17, n. 4, pp. 724-742, 2019.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo. **Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Mercado de Letras, 2002.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo. Linguística Aplicada como lugar de construir verdades contingentes: sexualidades, ética e política. **Gragoatá**, n. 27, pp. 33-50, 2009.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. **Linguística Aplicada na modernidade recente: festschrift para Antonieta Celani**. São Paulo: parábola Editorial, 2013.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

MOITA LOPES, L.P.; FABRICIO, B. Por uma 'proximidade crítica' nos estudos em Linguística Aplicada. **Calidoscópico** 17(4), pp. 724-742, dezembro 2019.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira. Tradução . Niterói: EDUFF, 2004. Disponível em: [biblio.fflch.usp.br/Munanga\\_K\\_UmaAbordagemConceitualDasNocoosDeRacaRacismol dentidadeEEtnia.pdf](http://biblio.fflch.usp.br/Munanga_K_UmaAbordagemConceitualDasNocoosDeRacaRacismol dentidadeEEtnia.pdf). Acesso em: 11 jul. 2023.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude** – usos e sentidos. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1988.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Perspectivas, 2016.

NEVES, Cynthia Agra de Brito. Letramentos literários em travessias na Linguística Aplicada: ensino transgressor e aprendizagem subjetiva da literatura. **Conselho Editorial Profa. Dra. Cassia Letícia Carrara Domiciano Profa. Dra. Janira Fainer Bastos Prof. Dr. José Carlos Plácido da Silva Prof. Dr. Marco Antônio dos Reis Pereira**, p. 65.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. **Tempo social**, v. 19, p. 287-308, 2007.

OLIVA, Anderson Ribeiro. A invenção da África no Brasil: os africanos diante dos imaginários e discursos brasileiros dos séculos XIX eXX. **Revista África e Africanidades** –Ano I, n. 4, fev, 2009.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. *Educ. rev.*[online]. 2010, vol.26, n.1, pp.15-40. ISSN 0102-4698. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-46982010000100002>. Acesso em: 17 jul. 2023.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **Mulher negra: afetividade e solidão**. EDUFBA, 2013.

PEREGRINO, Miriane da Costa. **Luanda Slam: a literatura angolana fora da página**. 2019.

PENNYCOOK, Alastair. Uma Linguística Aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo (org.). **Por uma Linguística Aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

PINTO, Regina Pahim. Movimento Negro e Educação do negro: a ênfase na identidade. **Cadernos de Pesquisa**. Fundação Carlos Chagas.n. 86, agosto, 1993.

ROCHA, Solange; SILVA, José Antonio Novaes. À Luz da Lei 10.639/03, Avanços e Desafios: Movimentos Sociais Negros, Legislação Educacional e Experiências Pedagógicas. **Revista da ABPN**, Florianópolis, v. 5, n. 11, p. 55-82, jul./out., 2013.

ROJO, Roxane; ALMEIDA, Eduardo de Moura (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SANTOS, Ingrid Ferreira dos. **“Vivências no Poetry Slam de Recife”**: reflexões e suas possibilidades didáticas. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso.

SCHMIDT, Simone, MACEDO, Ana Gabriela. **Feminismos Transnacionais**: saberes e estéticas pós/descoloniais. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/3P96w94j46gdL3kTXYKycgz/?lang=pt>. Acesso em: 03 ago. 2023.

SOARES, Cibele Moni. **A voz das ruas: resistência negra e feminina no Poetry Slam**. 2021. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS. Disponível em: <https://meriva.pucrs.br/dspace/handle/10923/17322>. Acesso em: 17 ago. 2023.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2008

SOUZA, Ana Lucia Silva. **Letramentos de reexistência**: culturas e identidades no movimento hip hop. 2009. 219 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1612123>. Acesso em: 17 ago. 2023.

SOUZA, A. L. S. **Letramentos de Reexistência**. Poesia, Grafite, Música, Dança: Hip-Hop. São Paulo: Parábola, 2011.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

STREET, Brian V. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. São Paulo: Parábola, 2014.

TRAVAGLIA, L.C. et al. **Gêneros orais – Conceituação e caracterização**. In: Simpósio Internacional de Letras e Linguística, 4, Uberlândia, 2013. Anais do SILIEL, vol. 3, nº 1, Uberlândia: EDUFU, 2013. p. 1-8.

XAVIER, Fernando de Barros Honda. COSTA, Pedro Gabriel de Souza e. BENEVIDES, William Rupp. et al. A construção do contexto histórico do movimento social Ku Klux Klan. **Caderno Humanidades em Perspectivas**, v. 5, n. 3, p. 125-135, 2019.